



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – FECH

GENISON LOBATO DE LIMA

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MARAJÓ: reflexões sobre o
perfil e as condições de permanência dos alunos na EJA em Breves, PA

BREVES-PA
2022

Genison Lobato de Lima

A educação de jovens e adultos no marajó: reflexões sobre o perfil e as condições de permanência dos alunos na EJA em Breves-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus do Marajó- Breves, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Miranda Costa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- L732e Lima, Genison Lobato de.
 A educação de jovens e adultos no marajó : reflexões sobre o perfil e as condições de permanência dos alunos na EJA em Breves- PA / Genison Lobato de Lima. — 2022.
 64 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliane Miranda Costa
 Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Breves, Faculdade de Educação, Breves, 2022.
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Permanência . 3. Aprendizagem. I. Título.

CDD 374.012

GENISON LOBATO DE LIMA

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MARAJÓ: reflexões sobre o perfil e as condições de permanência dos alunos na EJA em Breves, PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus do Marajó- Breves, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Miranda Costa

Apresentado em: 04 / 02 / 2022

Resultado: EXCELENTE

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Miranda Costa (Orientadora)
CUMB - UFPA

Prof. Dr. Leonildo Nazareno do Amaral Guedes
(FECH/CUMB/UFPA) - Examinador

Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Rodrigues
(FECH/CUMB/UFPA) - Orientador

Dedico esse trabalho à minha família, *in memoria* a minha avó Sodrelina Marques, e, em especial a minha mãe Maria Neuraci, e minha esposa Leonice Rodrigues, por estarem sempre ao meu lado, me incentivando ao longo dessa graduação. Essa conquista também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e da sabedoria, que desde o momento que passei no vestibular, nunca me abandonou, e por me mostrar o caminho para concluir o curso de Pedagogia.

À minha amada mãe Maria Neuraci, minha razão de viver, mulher guerreira, exemplo de mãe, dedicada, da qual sinto orgulho, sempre batalhou para proporcionar o melhor para os seus filhos, meu muito obrigado.

Aos meus irmãos Givanildo, Suelem, Genilson, Vanilson, Jessiele e aos meus sobrinhos Lucas, Larissa, Izabelle, Lorenzo, Ayla e Ravi, que sempre torceram por mim.

À minha esposa Leonice Rodrigues, minha maior incentivadora, e às minhas filhas Willa Rodrigues, filha de coração e à Luara Valentina, minha energia diária, meu muito obrigado por estarem comigo sempre.

Aos meus amigos Rômulo, Izanias, Newmara, Raquel e Dayana, que fizeram com que esses longos anos de graduação fossem mais agradáveis.

À minha orientadora, Dra. Eliane Miranda Costa, por todo apoio e paciência que teve comigo e pelo tempo dedicado a me orientar nessa monografia.

A(o)s querido(a)s mestres da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, que compartilharam de suas experiências no decorrer de minha formação, me permitindo crescer como pessoa e como profissional.

Aos alunos, professores, coordenadoras, diretoras e a todos (as) os (as) funcionários (as) das escolas da zona urbana do município de Breves-PA, pela recepção, pelo acolhimento e pela disponibilidade em ajudar na pesquisa.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir o curso de Pedagogia.

“A pedagogia do oprimido é, pois, libertadora de ambos, do oprimido e do opressor. Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido”.

Paulo Freire, 1987.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A educação de jovens e adultos no Marajó: reflexões sobre o perfil e as condições de permanência dos alunos na EJA em Breves, PA”, parte dos seguintes questionamentos: Quem são os alunos da EJA no município de Breves, no Marajó? Quais as dificuldades que esses alunos enfrentam quanto o acesso e a permanência na escola? O que esses alunos esperam da escola e da EJA? As metodologias adotadas pelos professores atendem as necessidades de aprendizagem desses alunos? Tem-se por objetivo geral: compreender as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, no município de Breves no Marajó, para se inserir e se manter na escola. De modo específico procurou-se: Identificar quem são os alunos da EJA; conhecer as dificuldades por eles encontradas para continuar estudando; verificar as perspectivas desses alunos quanto à escola e discutir se as metodologias adotadas pelos professores da EJA atendem as perspectivas desses alunos. O quadro teórico desta pesquisa conta com a contribuição de autores como Arroyo (2017), Almeida e Corso (2015), Freire (1996) entre outros. No campo metodológico, adotando a abordagem quanti-qualitativa, fizemos uso de um questionário com perguntas fechadas e abertas aplicado a duas categorias de sujeitos (alunos e professores), divididos da seguinte maneira, 08 (oito) alunos da EJA e 05 (cinco) professores que trabalham com essa modalidade de ensino. A pesquisa foi realizada em duas escolas municipais: a Escola Ruth Helena, localizada no bairro castanheira e a Escola Estevão Gomes, localizada no bairro da Cidade Nova. Os resultados revelaram que a maioria dos alunos da EJA das escolas pesquisadas é de classe social baixa. Quanto à faixa-etária, um percentual tem acima de 40 anos e um percentual de jovens entre 16 e 21 anos. A permanência dos alunos está condicionada à questão da infraestrutura da escola, bem como a metodologia. Concordamos com Arroyo (2017) que há a necessidade de tratar o aluno não apenas como uma “mente incorpórea”, mas como sujeitos, que durante vida fazem esforço, portanto precisam de condições mínimas e específicas para desenvolver suas atividades educativas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Acesso. Permanência. Aprendizagem.

ABSTRACT

This Course Completion Paper entitled "The education of young people and adults in Marajó: reflections on the profile and conditions of permanence of students in EJA in Breves, PA", starts from the following questions: Who are the EJA students in the city of Breves, in Marajó? What are the difficulties that these students face regarding access to and permanence in school? What do these students expect from the school and from EJA? Do the methodologies adopted by teachers meet the learning needs of these students? The general objective is: to understand the difficulties faced by EJA students, in the city of Breves, Marajó, to enter and stay in school. Specifically, we sought to: Identify who the EJA students are; know the difficulties they encountered to continue studying; verify the perspectives of these students regarding the school and discuss whether the methodologies adopted by the EJA teachers meet the perspectives of these students. The theoretical framework of this research has the contribution of authors such as Arroyo (2017), Almeida and Corso (2015), Freire (1996) among others. In the methodological field, adopting the quanti-qualitative approach, we used a questionnaire with closed and open questions applied to two categories of subjects (students and teachers), divided as follows: 08 (eight) EJA students and 05 (five) teachers who work with this type of teaching. The research was carried out in two municipal schools: Escola Ruth Helena, located in the Castanheira district, and Escola Estevão Gomes, located in the Cidade Nova district. The results revealed that the majority of EJA students in the surveyed schools are of low social class. As for the age group, a percentage is over 40 years old and a percentage of young people between 16 and 21 years old. The permanence of students is conditioned to the issue of the school's infrastructure, as well as the methodology. We agree with Arroyo (2017) that there is a need to treat the student not only as an "incorporeal mind", but as subjects, who make an effort during life, therefore needing minimal and specific conditions to develop their educational activities.

Keywords: Youth and Adult Education. Access. Permanence. Learning.

LISTA DE TABELAS, FIGURAS E QUADROS

Tabela 01	Dados estatísticos de matrículas da EJA no ano de 2019	29
Figura 01	Referente a mapa do arquipélago do Marajó	37
Quadro 01A	Tempo de estudo dos entrevistados.	37
Quadro 02A	Período de interrupção de estudo dos entrevistados.	38
Quadro 03A	Motivos que levaram os entrevistados a parar de estudar.	39
Quadro 04A	Período e motivos que levaram os entrevistados a voltar a estudar.	40
Quadro 05A	Relação trabalho e estudo dos entrevistados.	41
Quadro 06A	Incentivos para estudar.	41
Quadro 07A	Incentivos do emprego para os entrevistados estudarem.	42
Quadro 08A	Sentimento de exclusão.	42
Quadro 09A	Dificuldade para permanecer estudando.	43
Quadro 10A	Perspectiva dos alunos em relação aos estudos.	44
Quadro 11A	Interesses dos alunos entrevistados pela escola.	44
Quadro 12A	Coisas que os entrevistados não gostam nas aulas e escola.	45
Quadro 13A	Mudanças que a escola precisa na perspectiva dos entrevistados.	45
Quadro 14A	Representação da escola para os entrevistados.	46
Quadro 01B	Os alunos da EJA na visão dos docentes entrevistados.	47
Quadro 02B	Média de idade e questões de trabalho.	48
Quadro 03B	Qualidade de acesso à educação pelos alunos da EJA.	49
Quadro 04B	Dificuldades de permanência.	50
Quadro 05B	Perspectivas sobre a estrutura física da escola.	51
Quadro 06B	Trabalho pedagógico com alunos da EJA.	51
Quadro 07B	Existência de metodologia específica da EJA.	52
Quadro 08B	Interesse dos alunos pelas aulas.	53
Quadro 09B	Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos para aprenderem o conteúdo estudado.	53
Quadro 10B	Metodologia X Desistência	55
Quadro 11B	Expectativa dos alunos sobre a escola segundo os professores.	55
Quadro 12B	Atividades promovidas pela escola.	55

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
SCIELO	Scientific eletronic Library Online
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
DCE-EJA	Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos
GPTDA	Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PISA	Programa Internacional de Avaliação Comparada
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A EJA NO BRASIL, PARÁ E AMAZÔNIA MARAJOARA: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS.....	16
2.1	Um Pouco de História.....	16
2.2	Concepções da EJA.....	25
2.3	A EJA no Pará e Marajó.....	28
3	A EJA EM BREVES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA.....	33
3.1	O Município de Breves e a Educação de Jovens e Adultos	33
3.2	Lócus da Pesquisa.....	35
3.3	Os alunos da EJA das Escolas Pesquisadas.....	35
3.4	Perspectivas dos alunos pesquisados.....	37
3.5	Perspectivas dos docentes pesquisados.....	46
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERENCIAS.....	58
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DOS DOCENTES.....	62
	APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DOS DICENTES.....	63

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino, que tem por finalidade a formação daquelas pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar e aprender na escola dentro dos parâmetros legais que determina a idade certa. Em outras palavras é a modalidade destinada àquelas pessoas, que em sua maioria, quando crianças e adolescentes não tiveram acesso à escola e agora adultos precisam se qualificar para permanecerem no emprego ou para se inserir no mercado do trabalho. Trata-se, desse modo, de um público que chega à escola, cansado. Muitas vezes esse cansaço encontra ressonância em uma rotina e contexto de aprendizagem desfavorável ao processo formativo desses sujeitos o que pode contribuir para o abandono escolar.

No município de Breves, durante vivência em estágio docente nessa modalidade realizado em abril de 2017, foi possível observar esse fato. Também verificamos que além do cansaço, há outros fatores que desestimulam os/as alunos/as da EJA em frequentar as aulas, dentre eles, destaca-se o medo imposto pela violência e criminalidade, principalmente nos bairros mais periféricos. Elementos que esta pesquisa irá averiguar se contribui com a não permanência do aluno na escola. A presente pesquisa tende desse modo, preocupar-se com as condições de permanência do aluno trabalhador na EJA.

Esta modalidade, como já mencionamos, tem por finalidade formar aqueles sujeitos que por algum motivo não tiveram oportunidades acessar a escola na idade certa. Cabe, porém, perguntar, para aprender existe uma idade certa? Gadotti (2009, p. 14) nos ajuda a responder: “A educação, independentemente da idade, é um direito social e humano”. Embora seja um direito social e humano, percebe-se que historicamente tal direito vem sendo negado aos milhares de jovens e adultos, sobretudo aos jovens e adultos pobres das periferias e lugares mais afastados dos centros urbanos, como é o caso do Marajó. Entendemos que essa negação tende a se afirmar com a chamada “idade própria”.

Levando em consideração a realidade contemporânea e as exigências do mercado de trabalho, podemos dizer que há uma preocupação cada vez maior em instruir o trabalhador para atender o mercado e a EJA pode ser um canal nesse processo. A EJA, na verdade, precisa ser entendida como um direito desses sujeitos, não só para acessar o mercado, como também inserir-se na sociedade com dignidade. Diante desta perspectiva surgiu meu interesse pela pesquisa, reforçado e alimentado com o estágio curricular realizado nessa modalidade. Experiência que contribuiu para despertar a curiosidade em saber mais sobre os/as alunos/as

da EJA em Breves, isto é, suas perspectivas, dificuldades de acesso e permanência, entre outras.

Com a realização dessa pesquisa pretende-se, ao menos, chamar atenção do poder público e sociedade em geral para a importância da EJA para o desenvolvimento intelectual dos/as alunos/as trabalhadores/es. Tem-se ainda por perspectiva contribuir para que o/a professor/a que atua nessa modalidade procure fazer um trabalho que leve aos alunos/as sentirem-se realizados/a ao ir à escola. Nesta pesquisa defendemos ser de grande relevância promover uma formação que tenha como foco a humanização da educação, e não apenas o mercado. Como observa Arroyo (2017, p. 10) “Reconhecer, trabalhar esses processos de humanização-desumanização que os jovens-adultos-adolescentes-crianças levam à EJA e às escolas passou a ser a função de significado político-pedagógico na formação de seus profissionais”. Humanizar a educação neste sentido significa levar em conta as dificuldades dos/as alunos/as que começam a estudar e recuperar o “tempo perdido” por não ter frequentado a escola na idade certa, se tornará o objetivo primeiro de cada docente da EJA.

Tendo os/as alunos/as como centro da pesquisa, poderemos visualizar o que precisaremos para melhor desenvolver o ensino/aprendizagem da EJA. Isso significa para os/as alunos/as dessa modalidade, poder ler não apenas o jornal ou uma placa de publicidade, por exemplo, mas, ter condições de ler e interpretar o mundo. Para traçar e desenvolver essa discussão sistematizamos os seguintes questionamentos: Quem são os alunos da EJA no município de Breves, no Marajó? Quais as dificuldades que esses alunos enfrentam quanto o acesso e a permanência na escola? O que esses alunos esperam da escola e da EJA? As metodologias adotadas pelos professores atendem as necessidades de aprendizagem desses alunos?

Respondendo essas perguntas, atingiremos os objetivos da pesquisa que é identificar e traçar o perfil dos alunos que estudam na EJA; conhecer as principais dificuldades desses alunos quanto acesso e a permanência na escola, bem como o que tais sujeitos esperam da EJA e escola. Busca-se ainda averiguar se as metodologias adotadas pelos professores atendem a necessidades educativas dos alunos.

Para atingir tais objetivos a opção metodológica foi à abordagem quanti-quali mais condizente com a proposta deste estudo, por necessitar de dados de natureza quantitativa e dados qualitativos. Mussi et al (2019, p. 416-417) observa que:

[...] A primeira é pautada em explicações matemáticas e modelos estatísticos, enquanto a segunda tem enfoque nas interpretações das realidades sociais (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008) e, segundo Flick (2002), preocupa-se em analisar casos

concretos em suas particularidades locais e temporais, embasando-se das expressões e atividades das pessoas em seus contextos de vida.

O fenômeno em estudo aqui carrega sentidos numéricos/estatísticos, bem como significados, subjetividades que não podemos reduzir a variáveis mensuráveis. Assim sendo, a abordagem quanti- qualitativa permite uma aproximação com a realidade estudada, favorecendo a reflexão sobre as relações entre os sujeitos pertencentes às escolas, lócus de pesquisa.

A realização da pesquisa envolveu três fases inter-relacionadas. Na primeira fase recorremos à incursão bibliográfica, onde além da procura de textos físicos (livros), fizemos procuras em sites de produção científica como: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Qedu, periódicos UFPA, e-publicações. Mapeamos 42 produções entre livros, Artigos, Teses e Dissertações, que abordaram o tema educação de jovens e adultos, metodologia científica e perfil destes alunos para compor a linha de raciocínio de nossa pesquisa, dessas: 17 abordam aspectos históricos, culturais, geográficos, legais e metodológicos da EJA no Brasil; 05 são documentos institucionais que normatizam e direcionam o funcionamento da EJA; 03 abordam o funcionamento da EJA no Marajó, as dificuldades relacionadas ao fator amazônico e perspectivas; 04 abordam questões como a dialética e a atuação de Paulo Freire na educação de jovens e adultos, 03 obras descrevem as causas da evasão e abandono escolar, 02 de psicologia e filosofia para explicar a alienação social, 03 de estatística sobre a EJA, 02 de metodologia de pesquisa, sendo este o corpo teórico que utilizamos na construção e nossa pesquisa e 03 para expor explicações conceituais nas notas de rodapé.

Em campo, fizemos uso de aplicação de questionário com a primeira parte com perguntas objetivas para levantarmos o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa e a segunda parte para levantar a percepção dos alunos e docentes sobre a realidade do EJA no município de Breves, pois consideramos ser a mais adequada para os resultados esperados segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 201).

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

Foram sujeitos dessa pesquisa oito alunos da EJA, quatro de cada escola e cinco professores que trabalham com essa modalidade de ensino sendo três de uma escola e dois de outra. A pesquisa foi realizada em duas escolas municipais, a saber: escola Ruth Helena, localizada no bairro Castanheira e Estevão Gomes, localizada no bairro Cidade Nova, escolhidas por localizarem-se na periferia da cidade.

Na última fase realizamos a organização e sistematização dos dados empíricos à luz da técnica da análise de conteúdo que, segundo Tozoni-Reis (2009, p. 45), é utilizado da seguinte maneira.

Para a modalidade de pesquisa conhecida como pesquisa documental, a técnica mais indicada para coleta e análise de dados é a análise de conteúdo. Embora essa técnica também seja usada em outras situações, inclusive na pesquisa de campo (para analisar qualquer tipo de texto ou comunicação oral, visual ou gestual), vejamos suas possibilidades metodológicas. Bardin (s.d), um dos mais conhecidos estudiosos dessa técnica, define a análise de conteúdo como ‘um conjunto de técnicas de análise de comunicação’ (grifos da autora).

Este TCC está estruturado em dois capítulos. No primeiro, evidenciamos aspectos históricos e teóricos da EJA no Brasil e Amazônia marajoara com a perspectiva de compreender a evolução da EJA na região e, desse modo entender as condições de acesso e permanência e também o perfil dos alunos desenhado ao longo dos tempos.

No segundo capítulo, tratamos dos desafios e perspectivas de permanência dos alunos na EJA em Breves no Marajó. Entre os desafios destacam-se a garantia da própria oferta dessa modalidade, o que exige esforço da gestão local para garantir uma logística adequada às necessidades educativas dos alunos. Outro desafio refere-se à questão pedagógica, especialmente, a metodologia usada pelos docentes. Verificamos que esta pode impactar na permanência, desistência ou evasão dos alunos.

Nas considerações finais, ressaltamos que muito precisa ser feito para que a EJA faça a diferença na vida dos alunos em Breves no Marajó. A EJA precisa ser entendida pelo poder público enquanto compromisso social e não um problema como se verifica. Pelo lado da escola e professores faz-se necessário promover uma educação que leve aos alunos criarem laços afetivos com escola e, principalmente, que enxerguem motivos para permanecer estudando.

2 A EJA NO BRASIL, PARÁ E AMAZÔNIA MARAJOARA: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS

O capítulo faz uma breve contextualização da educação no Brasil, com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Abordar a EJA no Brasil é tratar de uma modalidade de educação que se faz necessária para um país que vem passando por transformações, consideradas necessárias para o desenvolvimento socioeconômico. Isso exige que jovens e adultos estejam minimamente alfabetizados para atenderem as exigências do mercado de trabalho. Mas, a alfabetização desses sujeitos é um enorme desafio, pois, como se verifica nos dados oficiais, um percentual significativo de jovens e adultos no país não é alfabetizado (em 2016, 7,2%, o que correspondia a 11,8 milhões de analfabetos – (PNAD, 2017).

Segundo Schwartz (2013, p. 29-30),

Além de índices sobre analfabetismo funcional é importante destacar também que o país ocupa a 72ª posição entre 127 países no Índice de Desenvolvimento de Educação. Outro teste, o PISA¹, desenvolvido e coordenado pela Ocde, em 2003, testou jovens de quinze anos, oriundos de quarenta países: Brasil ficou em último lugar em Matemática, em penúltimo em Ciências e em 37º em leitura.

O resultado dos dois índices apresentados por Schwartz (2013) corrobora nossa percepção sobre o analfabetismo no Brasil e a necessidade de se oferecer educação para a população analfabeta. Uma educação não apenas para diminuir o resultado de tais índices, mas voltada para melhorar a qualidade de vida de todos, pois mesmo parecendo clichê, a educação se mostra como o mais eficiente instrumento para o desenvolvimento de um país e para alcançar a qualidade de vida de todos seus cidadãos.

2.1 Um pouco de história

No Brasil, a EJA tem em sua história uma longa caminhada até chegar ao modelo atual. Conforme Santana (2012, p. 03) “a educação de adultos teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa”.

¹PISA: programa internacional de avaliação comparada, produzindo indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países (SCHWARTZ, 2013).

A pedagogia jesuítica inaugurou o modelo de educação em nosso país e como se observa no escrito de Santana (2012), é uma pedagogia que tem um público e perfil definido. Daí dizer que é uma pedagogia excludente, como podemos perceber no que expõem Silva e Amorim (2017, p. 187),

A atuação pedagógica dos jesuítas influenciou o modo de educar os indivíduos na colônia segundo as suas posições sociais. Isso levou a níveis distintos de instrução: para os índios, os rudimentos da língua e os ofícios; para os brancos libertos, os rudimentos da escrita e da leitura e os ofícios; para as classes abastardas, os ensinamentos superiores que garantiriam a manutenção da estrutura de poder; já para os escravos africanos e alforriados, os ofícios.

Desde o Brasil colônia a população pobre enfrenta grandes desafios para ter acesso à educação. Na verdade, nessa época, os jovens e adultos, sobretudo, os negros e pobres deveriam aprender algum ofício que os preparassem para servidão, fato que tem reflexos na contemporaneidade e explica o elevado índice de analfabetismo. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 109), no Brasil colônia “ao final do Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta”. Adentrando ao Brasil república, ainda conforme os autores “o censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permaneciam analfabetas” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 110).

Em continuidade a série histórica do nível de analfabetismos no Brasil chegamos a década de 70 onde já há investimento do Estado no sentido de diminuir este percentual, Pinto et al (2000), descreve segundo dados do IBGE que na década de 70, entre os jovens de 15 a 19 anos 24% eram analfabetos, e entre os adultos de 45 a 59 anos 43,2% eram analfabetos; já em 2001 entre os jovens de 15 a 19 anos 3% eram analfabetos e entre os adultos de 45 a 59 anos 17,6% eram analfabetos, o que sugere que as políticas de alfabetização contribuíram com significativa redução do analfabetismo desse público.

Todavia, mesmo com estes avanços, o analfabetismo entre os jovens e adultos ainda é uma triste realidade. A história mostra que dentre as causas desse fenômeno está à negação de direito como podemos evidenciar nos escritos de Lemme (1997, p.166):

As poucas escolas públicas existentes nas cidades eram frequentadas pelos filhos das famílias de classe média. Os ricos contratavam preceptores, geralmente estrangeiros que ministravam aos filhos o ensino em casa, ou os mandavam a alguns poucos colégios particulares, leigos ou religiosos, funcionando nas principais capitais, em regime de internato ou semi-internato. Muitos destes colégios adquiriram grande notoriedade.

O autor mostra que o acesso à educação nunca foi favorável aos menos favorecidos. Esse descaso cria um déficit nocivo à educação da população pobre, principalmente de municípios distantes dos grandes centros urbanos. Isso permite esclarecer o fato dos municípios do interior do Brasil apresentarem grandes índices de analfabetismo entre jovens e adultos e, por conseguinte baixos IDH.

A nível de constatação no período compreendido entre 2000 e 2010, na capital do Pará segundo IBGE (2021) Belém apresenta o índice de analfabetismo entre jovens e adultos de 15 anos ou mais de 5,0% de 2000 e 3,3% em 2010; já nos municípios do Marajó estes índices são muitos maiores no período compreendido entre 2000 e 2010, FADESP (2013): Afuá 42,87%, Anajás 47,38%, Bagre 31,03%, Breves 33,52%, Cachoeira do Arari 47,24%, Chaves 35,47%, Curralinho 32, 66%, Melgaço 41,88%, Muaná 21,25%, Ponta de Pedras 20,89%, Portel 42,67%, Gurupá 35,01%, Salvaterra 11,74%, Santa Cruz do Arari 21,63%, São Sebastião da Boa Vista 20,24% e Soure 12, 12% (p. 01); nesta estatística sobre o analfabetismo podemos perceber que há uma diferença grande entre os índices na capital e no Marajó e mesmo no Marajó há diferença, sendo que no Marajó dos campos apresentam índices menor de analfabetismo.

Retornando para o processo histórico de alfabetização no Brasil, com a industrialização no Brasil, criam-se novas necessidades de educação junto a classe trabalhadora, pois neste período há uma transição nos meios de produção do país, deixando de ser um país de economia basicamente agrícola e começa a estruturar uma economia urbano-industrial. Almeida e Corso (2015, p. 1285) comentam que:

O período de 1930 é marcado pela estruturação do Brasil urbano-industrial que, sobrepondo-se às elites rurais, firmou uma nova configuração da acumulação capitalista no país. Esse processo alterou, significativamente, as exigências referentes à formação, qualificação e diversificação da força de trabalho. Em especial, adaptou-a psíquica e fisicamente às técnicas e à disciplina da fábrica, para difundir uma concepção favorável a uma concepção de mundo atrelada às novas exigências da acumulação do capital. Desse modo, cabia a elite brasileira, permitir os patamares mínimos de educação a todos, entretanto, sem colocar em risco o controle ideológico e o nível de exploração exercido sobre a classe trabalhadora.

Neste período de transição, inevitavelmente o país demandou novas necessidades e uma nova dinâmica educacional, principalmente para os trabalhadores que atendessem os interesses da industrialização. Durante esse processo, o estado incentivou o êxodo rural na promessa de melhores condições de vida e trabalho nas grandes capitais. Também exigiu uma condição que até então não era exigida no campo, pois o trabalho no campo deste período não exigia e/ou necessitava a educação formal. Neste momento os trabalhadores, segundo

Almeida e Corso (2015), tiveram de passar por uma adaptação as exigências da fábrica, criando-se assim a necessidade de uma educação mínima e direcionada ao ofício da fábrica.

Diante disso, vai prevalecer a chamada educação politécnica e não uma educação propedêutica² para que as elites garantissem o domínio ideológico da classe trabalhadora, pois a educação politécnica veio exatamente para satisfazer as necessidades objetivas do capital, sem mostrar a verdadeira intenção por trás da oferta. No entendimento de Sousa Junior (2010, p.77),

A politécnica, em certa medida, é um tipo de formação da força de trabalho posta pelas demandas do próprio desenvolvimento da produção capitalista que, a partir do estágio atingido pela grande indústria, principalmente, passa a demandar um tipo de trabalhador dotado do mínimo de versatilidade capaz de possibilitar tal atuação nos diferentes ramos de produção, contemplados assim as exigências do movimento de valorização do capital, cuja expansão depende da exigência da força de trabalho minimamente qualificada e disponível.

Aqui podemos perceber a intenção da elite em assegurar sua hegemonia, isto é, através da oferta de uma educação voltada para o trabalho e não uma educação propedêutica voltada para a reflexão social da dinâmica do mundo. A formação politécnica como se verifica nos autores citados voltava-se às necessidades e exigências do mercado, ficando assim longe de formar para a emancipação.

Almeida e Corso (2015), ajudam ampliar essa reflexão quando tratam da política de educação para os trabalhadores, adotada pelo Estado Novo:

Sob as bases do Estado Novo (1937-1945) foram traçadas as respostas a essas demandas educacionais, institucionalizadas nas leis orgânicas de ensino, decretadas pela Reforma Capanema, no início da década de 1940. Assim, configurava-se uma política educacional dualista, que reduzia ao limite das primeiras letras a trajetória escolar dos trabalhadores e de seus filhos, atendendo precariamente às demandas crescentes de inclusão no sistema educacional, complementada por um ensino profissionalizante paralelo (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC) comandado pelo empresariado, que atribui a si a função de formação técnico-política da classe operária engajada no mercado de trabalho (ALMEIDA; CORSO 2015 p. 1286).

² Propedêutica é a preocupação formal, metodológica, instrumental. Significa construir a capacidade de construir conhecimento. Aponta para a competência humana de aprender a aprender, saber pensar (DEMO, 1995). Troucemos este termo a discussão como suporte para apresentar a diferenciação com a educação politécnica, a qual é ofertada historicamente aos trabalhadores, ao contrário a educação ofertada à classe dominante.

O contexto político-econômico daquele período determinou a categoria de ensino a ser ofertado aos trabalhadores que como indicam os autores aqui citados voltava-se para a inserção da classe trabalhadora no mercado de trabalho sob a lógica do capital. Tem-se, assim, uma educação técnica reduzida ao operacional, efetivada nos cursos profissionalizantes por meio do “Sistema S”, que no contexto atual ganha nova ênfase, com o aumento significativo de oferta de cursos profissionalizantes. Há desse modo, por parte do estado o compromisso com o mercado e não com a educação da classe trabalhadora, já que ao invés de investir na ampliação de cursos em nível superior com ênfase na formação propedêutica volta-se para a formação técnica.

Dentro desse cenário histórico em que o direito a educação é privilégio de poucos, a EJA vem construindo sua trajetória e história, que a partir de agora passamos a conhecer melhor começando pelas contribuições de Almeida e Corso (2015).

De acordo com esses pesquisadores,

O histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no país a partir da década de 1940, elaborado por meio de uma vasta literatura que trata sobre este tema, registra um longo percurso de ausências de políticas públicas e de fracasso na promoção da escolarização da população. No Brasil, a primeira iniciativa pública, visando especificamente o atendimento do segmento de adolescentes e adultos, ocorreu em 1947 com o lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho (ALMEIDA; CORSO 2015, p. 1286).

Como se verifica, a EJA começa a existir somente a partir da década de 1940, o que revela o descaso do poder público para com a educação da população pobre. A ausência de políticas públicas educacionais por longas décadas sinaliza que a educação da classe trabalhadora nunca foi prioridade. A educação oferecida como se observa ao longo da história restringem-se em medidas pontuais.

O processo histórico mostra que com as mudanças do sistema feudal para o capitalismo e o início da industrialização do país, se fez necessário ofertar, educação para os jovens e adultos. Vale lembrar que uma grande parcela da população brasileira era analfabeta, dos quais, muitos eram jovens e adultos em idade produtiva. Almeida e Corso (2015, p. 1287) ajudam elucidar melhor essa questão:

No início de 1950, 55% da população brasileira maior de 18 anos era constituída por analfabetos. Perante esse diagnóstico, apoiada no conceito de educação funcional³, a UNESCO estimulou um movimento de estímulo à criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos para atender as regiões consideradas mais atrasadas do país. Após, o Primeiro Congresso de Educação de Adultos, em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), voltada para a região nordeste. Nesse Congresso, foi legitimada a frase “ser brasileiro é ser alfabetizado”,

essa perspectiva buscava enfatizar a importância da educação de adultos para a democracia e defendia a alfabetização em nome da cidadania.

Impulsionado pela UNESCO, com base em um cenário de analfabeta e/ou alfabetizada funcionalmente da população, cenário nada favorável para um país que estava se industrializando e necessitando de mão de obra mais qualificada, principalmente nas grandes capitais, como o autor pontua, este cenário estimula o programa nacional de educação também visando atender as regiões mais atrasadas do ponto de vista econômico e educacional.

E através da discussão de estudiosos do assunto em congresso no ano de 1952, é que de fato foi criado o primeiro programa de alfabetização de adultos, nominada de “Campanha Nacional de Educação Rural (CNER)”, campanha essa com apelo nacionalista, sob o slogan, “ser brasileiro é ser alfabetizado”, um slogan que nos parece ser irônico até para os dias atuais, pois a nosso entender, a garantia da democracia por mais que passe pela educação tem que proporcionar acesso a vários outros direitos para o dito “cidadão”.

Almeida e Corso (2015) relatam que tal campanha sofreu duras críticas, sobretudo da delegação pernambucana, que contava com a presença do educador Paulo Freire:

As delegações presentes no Segundo Congresso, de modo semelhante, não pouparam críticas à campanha. A precariedade dos prédios escolares, a inadequação dos métodos de ensino e a falta de qualificação profissional do professor de adultos foram alguns dos aspectos abordados. A delegação de Pernambuco, composta por um grupo emergente de educadores do qual fazia parte Paulo Freire, procurou ir além dessas críticas, indicando a necessidade de uma maior comunicação entre educador e educando; e a necessidade de adequação dos conteúdos e métodos de ensino às características socioculturais das classes populares (ALMEIDA; CORSO 2015, p. 1288).

Foram levantadas várias críticas acerca da organização estrutural e da própria metodologia utilizada para ensinar os jovens e adultos. Outro aspecto questionado foi à falta de qualificação dos docentes, que para os críticos implicava na qualidade do ensino. A delegação pernambucana apresentou propostas de melhoria no projeto educacional voltado aos jovens e adultos, tendo por base as características socioculturais e a comunicação.

³ A educação funcional era entendida como um processo global e integrada, de formação técnica e profissional do adulto – em sua fase inicial – feito em função da vida e das necessidades do trabalho; um processo educativo diversificado, que tem por objetivo converter os alfabetizados em elementos conscientes e eficazes na produção e no desenvolvimento em geral (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1287).

Comunicar é vista por Freire (1996) como condição básica no processo ensino-aprendizagem. Uma comunicação baseada no respeito e na relação dialógica se faz necessária para que a aprendizagem tenha qualidade, sentido e significado para os sujeitos. E a educação só tem esses elementos se dialogar com a realidade local, com a cultura e a identidade dos sujeitos envolvidos no processo. E isso perpassa pela pesquisa enquanto instrumento indispensável na busca do conhecimento. Como pesquisadores e/ou educadores, precisamos ter consciência e respeito da história de vida dos alunos e fazer reflexões junto a estes para entender as dificuldades e as possibilidades de aprendizagem. Conhecer a história de vida do aluno é fundamental para desenvolver um percurso formativo prazeroso e proveitoso.

Na década de 1970, têm-se outros movimentos, com destaque para o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que aqui no Marajó teve seus efeitos, como se constata em Barbosa (2008, p 27 apud BAIA; SILVA, 2014, p. 28/29),

A década de 70 marca o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que atingiu 30 milhões de jovens e adultos nos 3953 municípios em que penetrou. O MOBRAL teve uma importância bastante relevante nas vidas das pessoas que faziam parte desse movimento de alfabetização. O município de Portel, por ser um município com o número alto de “analfabetos” aderiu ao projeto com o propósito de trazer melhores condições de vida para sua população. [...] Assim, desenvolvia-se o trabalho na educação, pelo programa MOBRAL atendendo alunos trabalhadores da madeira, domésticas, mulheres casadas e solteiras que compunham a classe pobre e média em Portel nessa época auge da madeira. Embora esse programa fosse destinado para desenvolver competências de leitura e escrita, no município restringia-se, às vezes, apenas ensinar a escrever o nome e assim votar nas eleições.

Miranda; Souza e Pereira (2016) lembram-nos que na década de 1970 foi criado o ensino supletivo, nos anos 80 tem-se a implantação da Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar) e somente em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (nº. 9.394/96) que teremos a garantia da EJA como um direito dos sujeitos.

Na década de 70 destaca-se no país o ensino supletivo, criado em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 5.692/71) (BRASIL, 1971). Nos anos 80 foi possível implantar a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), vinculada ao Ministério da Educação, que ofertava apoio técnico e financeiro às iniciativas de alfabetização existentes (VIEIRA, 2004). Somente em 1996, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (nº. 9.394/96), que reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico e ao dever público sua oferta gratuita, estabelecendo responsabilidades aos entes federados através da identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e permanência (BRASIL, 1996 apud MIRANDA; SOUZA; PEREIRA 2016, p. 02).

Estes são os marcos regulatórios nacionais da implantação e uma política educacional para jovens e adultos. Entre tais marcos, a atual LDB é que traz a garantia da EJA como direito dos sujeitos e responsabilidade do estado. Como fica evidente ao longo da história tem-se uma dívida enorme com a educação dos jovens e adultos. São sujeitos que não tiveram acesso à educação na idade “apropriada”, ou seja, não lhes foi garantido o direito de acesso e permanência na escola quando crianças. É possível dizer que a política nacional de educação durante décadas mesmo mostrando certo aprimoramento não trata os jovens e adultos enquanto sujeitos que tem direito à escola com qualidade, uma escola que reconheça e dialogue com a cultura local.

No Marajó essa escola deveria dar conta da diversidade que circundam os municípios. Baia e Silva (2014) comentam acerca da diversidade cultural do Marajó e da importância de uma educação que dialogue com a experiência sociocultural do aluno, como se verifica no excerto abaixo:

O arquipélago do Marajó por se constituir de diferentes práticas sociais abre inúmeros saberes culturais diferenciados que não deixam de estar associado à modalidade ensino da EJA. A experiência sociocultural dos alunos é relevante para serem trabalhadas na escola e ser transformados em conhecimentos relacionados à prática de leitura e escrita dentro de uma metodologia que amplie a aprendizagem dos alunos. Amaral (2012, p.65) enfatiza a leitura como elemento transformado em sua análise ao referir-se à educação no município de Breves cuja realidade é parecida com município de Portel, ambas fazem parte do Marajó da Floresta, e consequentemente das escolas das águas (BAIA; SILVA 2014, p. 28).

Nos municípios marajoaras, o aluno da EJA enfrenta muitas dificuldades para estudar e permanecer na escola com qualidade. Daí nossa preocupação nesta pesquisa com a permanência destes alunos na escola, já que ao voltar-se para o contexto histórico verifica-se uma história de abandono ou evasão, que interpretamos como resultado do descaso do poder público, o que há anos mantém como uma região de mazelas e vulnerabilidade social.

Evidenciando os parâmetros curriculares da EJA, procuramos a partir de agora pontuar os princípios para a oferta desta modalidade de ensino. Moreira (2014) aponta que estes parâmetros sustentam seus pilares num primeiro momento no construtivismo, mas dentro de uma flexibilidade necessária para alcançar os objetivos esperados na educação de jovens e adultos que já carregam consigo uma carga de experiência de vida.

O ideário da Educação Popular, referência importante na área, destaca o valor educativo do diálogo e da participação, a consideração do educando como sujeito portador de saberes, que devem ser reconhecidos. Educadores de jovens e adultos identificados com esses princípios têm procurado, nos últimos anos, reformular suas práticas pedagógicas, atualizando-as ante novas exigências culturais e novas contribuições das teorias educacionais (MOREIRA 2014, p. 33).

A pedagogia Freiriana em sua essência dá prioridade ao diálogo, entre dois interlocutores, e não ao monólogo como ocorre na educação bancária. Alicerçado nesta ideia e nas novas exigências culturais da educação é que entendemos que o método dialógico de Freire, contrário à manipulação de classe e a alienação, configura-se como um potente método para educar. Para Freire (1996, p. 39 apud CRUZ; BIGLIARDI; MINASI 2014, p. 45).

É preciso possibilitar que, ‘voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica’ ou seja, ‘na formação permanente dos sujeitos, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática’ (grifos do autor).

O educador da EJA necessariamente terá de ser um educador que possibilite o diálogo voltado para a reflexão sobre a prática dos próprios alunos na sociedade. Confrontar os saberes do aluno com novos saberes e assim formar novos saberes como aponta todo e qualquer processo dialético, e desta maneira libertar estes alunos dos grilhões da ignorância e da alienação imposta pelas elites.

Outro documento que trata da EJA são as Diretrizes Curriculares da EJA (DCE-EJA). Tais diretrizes apresentam como eixos a cultura, o trabalho e o tempo que deverão articular-se a ação pedagógica:

A partir das reflexões durante o processo de elaboração das DCE para a Educação de Jovens e Adultos, identificaram-se os eixos cultura, trabalho e tempo como os que deverão articular toda a ação pedagógico-curricular nas escolas. Tais eixos foram definidos tendo em vista a concepção de currículo como um processo de seleção de cultura, bem como pela necessidade de atender o perfil do educando da EJA. (DCE/EJA, 2005, p.37 apud FERREIRA 2008, p. 07).

A proposta lançada como diretriz para a execução da EJA mostra muito claramente a finalidade desta modalidade de ensino, abarcando pontos importantes para a retomada da consciência crítica dos alunos, pois entender de onde viemos é de grande valia para projetar o futuro, e torna-se base para uma consciência crítica e uma postura ética e principalmente participativa dentro da dimensão política necessária para o desenvolvimento pessoal, comunitário e social.

As Diretrizes permitem pontuar que a proposta curricular e metodológica da EJA precisa entender o aluno não como "tábula rasa", mas como sujeitos com saberes e experiências que não podem ser ignoradas. Outra questão é que este aluno não pode ser comparado com as crianças das séries iniciais. As diretrizes da EJA deixam claro que a EJA carece de outras metodologias. Essas diretrizes apresentam uma base sócio-histórica-cultural de atuação, e através de uma base dialógica propõe linkar teoria-prática, de modo ampliar os

conhecimentos já existentes e acrescentar outros conhecimentos, assim como, apresentar novas percepções sobre as experiências vividas por eles.

Vale lembrar o que estabelece a LDB Lei nº 9.394/1996, na seção V – Da Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I – No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II – No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (BRASIL 1996, p. 30, 31).

Esta lei regulamenta a atuação dos entes federados na oferta deste serviço de educação. Nesse propósito a lei sinaliza a necessidade de logística que garanta a oferta da EJA, o que inclui os recursos (financiamento) e até a metodologia, a avaliação. Isso mostra que a LDB é um instrumento primordial para garantir o direito destes cidadãos à educação.

2.2 Conceções da EJA

Ferreira (2008, p. 06) citando Paiva (1972, p. 16) nos ajuda esclarecer que: “A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

As autoras indicam que o objetivo primeiro da EJA é dar oportunidade educacional aqueles que não tiveram tal direito por várias situações, entre elas, a falta de escola. Realidade de muitos jovens e adultos da região Norte e de município como o nosso. Cabe esclarecer que nas três últimas décadas houve uma crescente oferta de vagas em escolas públicas no espaço urbano e a criação de escolas no meio rural. Oferta esta que se faz necessário para que a população tenha uma melhor formação e que o direito à escola não se restrinja aos filhos de famílias mais abastadas como era em décadas anteriores.

A falta de escola e formação tem consequências históricas, podemos observar que nos dias atuais em nosso município várias vagas de emprego que exige profissionais mais especializados são preenchidas por profissionais fora do município. Daí a importância e necessidade de escola e educação de qualidade para todos.

Na perspectiva da EJA, isso significa tal como defende Gadotti (2009), uma educação que potencialize a formação e a vida dos jovens e adultos trabalhadores. De acordo com esse autor, a EJA,

[...] engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. (CONFINTEA V. apud ROMÃO; GADOTTI, 2007, p. 128).

De um ponto de vista holístico, temos que concordar que a EJA precisa abarcar em sua metodologia o valor das habilidades pessoais dos alunos e a partir deste ponto, potencializar e aperfeiçoar a qualificação e técnicas profissionais desses sujeitos. Em nosso entender dar ênfase as habilidades dos alunos podem ser relevantes para motivá-los a estudar depois de uma jornada intensa de trabalho. Reconhecer esta metodologia como eficaz para este público nos leva a questionar mais ainda as condições de permanência ou de abandono destes jovens e adultos na escola e se a metodologia se torna um atrativo poderoso para que estes cheguem a seu objetivo maior, o de serem alfabetizados.

Não podemos esquecer que a educação escolar também deve atender as necessidades do mercado de trabalho. Na estrutura do estado neoliberal, isso tem resultado em educação produtivista. Como nos lembra Frigotto (2000, p. 34 apud FERREIRA, 2008, p. 7):

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reservas de competência que lhe assegure empregabilidade.

Certamente enquanto educadores, temos que reconhecer nosso papel na formação profissional e pessoal de cada aluno. Mas para contribuirmos de forma positiva com a formação desses sujeitos faz-se necessário estarmos atentos às transformações planetárias e as exigências do mundo do trabalho. Entendemos que a formação precisa atender tanto para o aspecto social, cultural quanto para a qualificação técnica visando à inserção do sujeito no mercado do trabalho, mas também sua atuação crítica e propositiva na sociedade.

A EJA, como mencionamos, foi criada para atender aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na infância ou que precisaram abandonar a escola. Concepção esta que de acordo com Griffante, Bertotti e Silva (201, p. 03) vêm mudando.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda é vista por muitos como uma forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar na infância ou aqueles que, por algum motivo, tiveram de abandonar a escola durante o período de escolarização. Mas, felizmente, este conceito vem mudando cada vez mais. E este é um grande desafio da EJA: além do incluir o aluno e ampliar os seus conhecimentos, preparar o mesmo para o mercado de trabalho, pois sabemos que o grande valor da aprendizagem continua em todas as fases da vida, e não somente durante a infância e a juventude.

Talvez a EJA seja mais uma maneira de pagar uma dívida antiga do estado brasileiro com sua nação, pois em sua maioria somos uma nação de excluídos desde o início da colonização. Mas, a ideia de inclusão vem gerando uma mudança social necessária no sentido de igualdade de oportunidades. É certo que ainda estamos longe de alcançar tal igualdade, mas estamos persistindo no caminho e tentando deixar para trás o “Complexo de Vira-lata”, como expressou o dramaturgo Nelson Rodrigues para descrever o sentimento dos brasileiros.

E como os autores apontam o grande desafio é “incluir” os alunos e ampliar seus conhecimentos, e assim, também ampliar suas oportunidades na vida e no mercado de trabalho. Com isso, reafirma-se que a garantia de direitos e/ou a garantia de igualdade de oportunidades, pode fazer com que cada um/a daqueles/as que anteriormente não tiveram oportunidade, possa desenvolver cada vez mais seus conhecimentos.

A educação como lembra Gadotti (2013) citando Moreira (1999), é um dos maiores poderes dos homens, pois lhes oferece possibilidades para superar dificuldades e problemas históricos. Escreve o autor:

[...] a educação é mesmo o maior dos poderes do homem sobre o homem [...]. O direito à educação é um direito novo a uma educação nova, com educadores novos e em escolas novas [...] direito a toda a educação, isto é, a todos os níveis e formas de educação, segundo as capacidades e interesses individuais e tendo em conta as possibilidades e necessidades sociais [...] e a uma educação que proporciona todas as aprendizagens necessárias ao pleno desenvolvimento da personalidade humana, com suas dimensões afetiva, ética, estética, intelectual, profissional, cívica, por meio de métodos que respeitam a dignidade e todos os direitos dos educandos (MONTEIRO, 1999 apud GADOTTI 2013, p. 24).

O autor indica ser a educação principal instrumento de transformação social. Isso pode até parecer certo saudosismo ou romantismo, mas entender que a educação potencializa a formação da personalidade humana em todas as dimensões da vida é de extrema necessidade. Todavia, para a educação ser instrumento de transformação, carece de uma proposta formativa que abrace os sujeitos como atores históricos sociais tal como fala Freire (1996). Na

particularidade da EJA, faz-se necessário um currículo, metodologias, avaliações e práticas docentes que reconheçam, valorizem e dialoguem com a cultura e os saberes dos jovens e adultos.

Em relação ao currículo, a EJA precisa que se leve em conta as necessidades desses sujeitos considerando as dimensões social, econômica e política. Em outros termos há a necessidade de um currículo, que segundo Arroyo (2008) voltada para a formação humana e a liberdade:

A trajetória mais progressista não é institucionalizar a EJA como modalidade dos ensinos fundamental e médio, mas como modalidade própria que avançou em concepções de educação da infância e da adolescência, sobretudo dos setores populares que frequentam as escolas públicas. Quanto menos institucionalizadas for a EJA nas modalidades das etapas de ensino, maior poderá ser sua liberdade de avançar no movimento pedagógico e de contribuir para um diálogo fecundo com essa modalidade de ensino, até para enriquecê-lo e impulsioná-lo para se reencontrarem como modalidade de educação e formação básica. Que falta nos faz recuperar a concepção moderna de educação como direito humano! A EJA popular traz esse legado (ARROYO 2008, 225).

Aqui insistimos que a educação não tem que educar apenas para o trabalho, mas deve voltar-se também para a cultura, arte, ciências, em suma a liberdade. Deve ser uma educação que possibilite aos sujeitos uma visão crítica e reflexiva de sua vida e da sociedade. Talvez seja um sonho, neste momento político-social desejar isso, mas seria o “ideal” para recompensar aqueles que desde muito cedo doaram suas vidas para o crescimento do país.

2.3 A EJA no Pará e Marajó

O Estado do Pará está localizado na região norte do Brasil, com uma extensão territorial de 1.245.870.707 km² (IBGE 2017), população de 7.581.051 (IBGE, 2010). Tem como capital a cidade de Belém, o Estado tem como população 7.581.051 pessoas segundo ultimo senso; tendo como alunos matriculados no ensino infantil: 318.301 alunos; no ensino fundamental: 1.394.011 alunos; ensino médio: 354.447 alunos; tendo como número de docentes, ensino infantil 16.982, fundamental 60.424 e 15.295 no médio; contendo 7.053 escolas de ensino infantil, 9.278 de fundamental e 877 de médio, (IBGE, 2020); com IDEB nos anos iniciais de 4,9, nos finais de 4,1 e de 3,4 no ensino médio, (IBGE, 2019) e IDH de 0,646 (IBGE, 2010).

Já na EJA, segundo INEP (2019), o Brasil e o estado do Pará apresentam a seguinte estatística de matrículas.

Quadro 01 – Dados estatísticos de matrículas da EJA no ano de 2019.

	EJA nível fundamental	EJA nível médio	TOTAL
BRASIL	1.937.583	1.336.085	3.273.668
PARÁ	113.648	52.999	166.647

Fonte: MEC/INEP/DEED – Microdados do Senso Escolar. Elaboração: Todos pela Educação

Os dados indicados no quadro permitem visualizar a importância da EJA no Brasil e no Pará. Como já pontuado, os alunos dessa modalidade, por vários motivos deixaram de estudar na chamada idade certa. Ao retornar a escola esses sujeitos mostram interesse pela escola, e, principalmente, a necessidade de recuperar uma formação escolar “perdida” e assim poder se inserir no mercado de trabalho e sociedade com mais qualidade.

Não conseguimos dados referentes à EJA na região do arquipélago de Marajó. Estes dados não estão disponíveis, em nenhum site ou banco de dados de livre acesso na Internet, o que pode sugerir descaso e negligência com a educação da classe trabalhadora. Cabe ponderar que no Marajó, as desigualdades e injustiças sociais, heranças do perverso processo de colonização, refletem diretamente na vida das pessoas de classe sociais mais baixas, são pessoas com pouca escolaridade, que enfrentam problemas com desemprego, entre outros.

A região do Marajó, conhecida como a maior ilha flúvio-marinha do mundo, com mais de 50 mil quilômetros quadrados, conta com um rico ambiente natural formando por campos e florestas. Na parte oriental, chamada de Marajó dos Campos, onde estão os municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras e Muaná compreende-se uma natureza composta por zonas de matas, praias, rios e mar. No lado ocidental, conhecido por Marajó das Florestas, formada pelos municípios de São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajá, Gurupá e Afuá encontra-se uma natureza de rios e florestas (PACHECO 2009).

Essa beleza e riqueza natural contrasta com a fome, a miséria, a falta de políticas públicas, entre outras injustiças sociais. Na particularidade da educação, a negligência é muitas vezes justificada pela desafiadora geografia da região, sobretudo, a dinâmica da água, quem de fato manda no Marajó (COSTA, 2018). No caso do município de Breves, nosso lugar de fala, a oferta da EJA, assim como nos demais municípios, é um enorme desafio e perpassa por questões de ordem geográfica e, principalmente, política, como se verifica no próximo capítulo.

Breves localiza-se ao sudoeste do arquipélago do Marajó e conta com uma extensão territorial de 9.550,474 km² (IBGE, 2010) e uma população, de acordo com o Censo de 2010,

de 92.860 habitantes, sendo 46.300 habitantes no campo e 46.560 na área urbana⁴. Esta área situa-se à margem esquerda do Rio Parauaú, distante 160 km em linha reta de Belém, tendo como principal forma de acesso o transporte fluvial, com duração média de 12h de viagem para a capital do Estado, Belém, e por via aérea em até 45 minutos de duração. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED, 2021), no núcleo urbano há 28 escolas. Destas, nove trabalham com a Educação Infantil, 17 são escolas do ensino fundamental e quatro escolas do ensino médio. Verifica-se que a EJA é ofertada em apenas quatro das escolas de ensino fundamental. Há ainda uma turma da EJA ofertada no Presídio aos alunos em regime de privação de liberdade.

Figura 01: Localização do Município de Breves



Fonte: GAPTA, 2014.

Cabe mencionar que o arquipélago de Marajó é considerado uma região de difícil acesso. Aliás, o argumento histórico que se verifica é que a especificidade e dificuldade de acesso à região, chamado de “fator amazônico” impede a oferta do serviço público, como é o caso da EJA. Isso porque tal fator exige dos agentes públicos um esforço a mais, para garantir aos jovens e adultos que moram em cidades de pequeno porte e nas margens dos rios acesso à escola. As dificuldades peculiares da região, especialmente, a longa distância e o difícil acesso são problemas não só para a população como também para o poder público na viabilidade das políticas públicas. De acordo com Lemle (2013, p. 01).

⁴ A estimativa feita pelo IBGE para 2021 indica uma população de 104.280 pessoas.

[...] o chamado “fator amazônico”: grandes distâncias e baixa densidade demográfica; curso dos rios como única opção de acesso; variações climáticas expressivas, às vezes impedindo acesso a determinadas localidades durante vários meses do ano; obstáculos físicos naturais, como corredeiras e selva impenetrável; e a ocorrência de doenças transmissíveis não controladas.

O fator amazônico influencia diretamente no desenvolvimento da política educacional da região. Isso porque há uma incompreensão do governo federal em relação a tal fator, ou seja, o governo não o leva em conta, com isso atribui um recurso à educação dessa região que não condiz com as necessidades e singularidades de cada município. Na verdade, trata a educação e todos os demais assuntos referentes à realidade do Marajó tendo por parâmetro a região sul.

Tratando das singularidades da EJA no Marajó Baia e Silva (2014) apontam para a importância de o educador ter sensibilidade com a realidade local, a qual também em nosso entendimento deveria ser assumida pelo estado. Escreve os autores:

O educador tem que ter cuidado de não distanciar o discente do ambiente onde vivem. Na concepção de Freire (1996, p. 28), “outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza”. Nesse caso, percebemos os aspectos relacionados à natureza educacional do ambiente escolar no Marajó que contempla centenas de instituições de ensino com realidades, muitas vezes, diferentes de um lugar para o outro. Por serem escolas situadas às margens de rios e seus afluentes entre florestas são identificados como “escolas das águas” (AMARAL, 2012), contextualizando as realidades e valorizando as identidades do cidadão marajoara. Os sentidos do termo escolas das águas começam a ser desenvolver lentamente através das lutas culturais e pesquisas acadêmicas. (BAIA; SILVA 2014, p. 27).

A política educacional no Marajó deve considerar as peculiaridades locais. Como mencionam os autores acima, faz-se necessário considerar entre os aspectos específicos da região, dois elementos centrais, o tempo e a água. O tempo é dinâmico e não se reduz às horas do relógio. O tempo depende da maré, do curso dos rios, quem determina o tempo do transporte que se torna mais lento. As águas regulam a vida entre o tempo da cheia e o tempo da estiagem, o tempo de colheita e de entre safra. No tempo da colheita os trabalhadores iniciam o trabalho muito cedo e terminam quando o sol se põe. Realidade que não pode ser ignorada, mas compreendido pelos educadores e governantes.

As dificuldades enfrentadas por professores, alunos e familiares inclui o acesso que não é garantido a todos com qualidade e a permanência. Fato histórico que também ajuda a explicar os baixos índices da região e de Breves, nosso foco de estudo. Na particularidade da EJA, a dificuldade, em Breves, inclui até mesmo a falta de dados disponível sobre essa modalidade, o que certamente ocorre por duas questões. Primeiro, há incipientes produções

sobre a EJA no município de Breves. Segundo a EJA, nem sempre foi EJA, havia outras terminologias para designar tal modalidade, entre elas o MOBRAL.

O MOBRAL como pontua Waldemar Júnior foi implantado com a finalidade de erradicar o analfabetismo que, como já mencionamos, era bem elevado.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL pretendia erradicar o analfabetismo no Brasil nos centros urbanos e no meio rural. A política de erradicação do analfabetismo teve seu auge por volta da década de 1970, a partir da criação de inúmeros projetos criados pelo governo federal para tentar resolver o problema da educação de modo feral (WALDEMAR JÚNIOR 2009, p. 25).

Como mostra o trecho citado, a partir da política de erradicação do analfabetismo inúmeras iniciativas foram criadas pelo governo, sobretudo nos idos dos anos de 1970. Para além das iniciativas governamentais, também se verifica diferentes iniciativas da sociedade desde os anos de 1950, tendo como foco a educação de jovens e adultos, como é o caso da Rádio Educadora de Bragança. Feitos importantes que em nosso entendimento contribui para a inserção da EJA como tópico temático no currículo do curso de pedagogia da UFPA, em 2000.

Os tempos idos do curso supletivo teve início no estado do Pará nos anos 70 com a Fundação MOBRAL. Isto é, em se falando de modo geral. Em Bragança encontramos registros de alunos adultos de alfabetização e séries iniciais, desde 1958. Estes registros se encontram-se nos arquivos da Rádio Educadora de Bragança que foi inaugurada em 1960, mas em 1958 já se processava experiências com os aparelhos na Escola Radiofônica, a exemplo das experiências Radiofônicas de Natal-RN, na época tratava-se do MEB – Movimento de Educação de Base. A Universidade Federal do Pará passou a incluir nos currículos do curso de Pedagogia, a partir do ano 2000, a disciplina EJA onde a Educação de Jovens e Adultos entrou como tópico temático, envolvendo para outras modalidades. (FÓRUM EJA/Pará 2017, p. 01).

Essa inserção e toda a trajetória da EJA pontuada aqui mostra como essa modalidade vem sendo tratada no contexto do estado brasileiro, dentre este contextos incluímos o Estado do Pará como um polo desta experiência em educação de Jovens e adultos que por curiosidade não iniciou na capital do Estado, e sim na região do salgado, sendo esta experiência apenas incluída na grade curricular da UFPA nas últimas duas décadas, sendo que o problema com o analfabetismo de jovens e adultos é bem antigo e ainda não solucionado em nosso Estado que é composto por grandes distancias e densidade demográfica com tal configuração que acaba por dificultar a oferta de educação em nossa contemporaneidade, imagina há setenta anos.

3 A EJA EM BREVES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PERMANÊNCIA

Neste capítulo tratamos dos desafios e perspectivas da permanência do aluno da EJA nas escolas pesquisadas. Antes, porém, apresentamos uma breve contextualização do município de Breves evidenciando o processo econômico e a educação destinada aos jovens e adultos.

3.1 O município de Breves e a educação dos jovens e adultos

Quem são jovens e adultos que participam da EJA em Breves? Para responder este questionamento faz-se necessário conhecer um pouco do contexto histórico, social, educacional e econômico de Breves. O município de Breves segundo Caetano e Silva (2016).

Passou a categoria de cidade em 1882, em tempos de colonização portuguesa na Amazônia. A denominação está diretamente ligada a dois irmãos portugueses, Manoel Fernandes Breves e Ângelo Fernandes Breves, que na primeira metade do século XVIII se radicaram nessa porção da ilha do Marajó, conhecida como estreito norte do Boiuçu, na missão dos Bocas (SEMED, 2011 apud CAETANO E SILVA 2016, p. 121).

Breves, assim como a maioria dos municípios do país, tem sua população formada por descendentes dos povos originários, negros trazidos da África e os colonizadores. Estes últimos como é possível indicar com base na citação acima formaram os primeiros vilarejos, transformadas em cidades e/ou municípios. Ao longo de sua trajetória em termos econômicos, Breves vivenciou vários ciclos de produção, a saber: ciclo da borracha, do arroz de várzea, do palmito de açaí, da madeira e mais recente do açaí (comercialização do fruto).

Em todos estes ciclos, sobretudo, da borracha, arroz, palmito e madeira, não necessitavam de mão de obra “escolarizada”, quem não se lembra do jargão popular “*para que estudar se o futuro é a Madenorte*”, fato que contribuiu para reforçar uma cultura de não alfabetizados, de uma baixa escolarização entre os jovens e adultos. Também contribuiu com o trabalho informal e o aumento do desemprego. Cabe mencionar que a Madenorte⁵, empresa madeireira, como muitas outras, depois que explorou a riqueza do município, deu-se por falida deixando para a região exploração e miséria.

⁵ MADENORTE S/A Laminados e Compensados: aberta em 19/07/1983, é uma filial do tipo Sociedade anônima fechada que está situada em Breves-PA. Sua atividade econômica principal é fabricação de madeira laminada e de chapas de madeira compensada e aglomerada (Consultas. Plus).

Em todos esses ciclos econômicos verificam-se mediante a exploração do capital as amarguras e os infortúnios da população pobre. É essa parte da população que trabalha informalmente, ou seja, são estivadores, carreteiros, vendedores de picolé, etc. Tem ainda aqueles que trabalham em lojas de roupas, supermercados, empregadas domésticas, etc. Atividades de baixa remuneração que não possibilitam a esses sujeitos uma qualidade de vida. Nas últimas décadas, o modo de produção capitalista impulsionado pelo avanço tecnológico exige que as pessoas em idade produtiva sejam alfabetizadas. A escolarização é, dessa forma, condição para se ocupar os novos postos de trabalho. Porém, para os jovens e adultos estudarem tem sido um grande desafio, pois, precisam sobreviver e para isso o trabalho é indispensável. Contudo, como já mencionado, acabam por trabalhar em atividades braçais, que normalmente exigem muito esforço físico. Assim, o dia todo de trabalho braçal deixa esses sujeitos bastante cansados e exauridos para enfrentar uma jornada escolar à noite.

Em nossa leitura essa realidade contribui para que tais sujeitos larguem a escola precocemente, corroborando o aumento de evasão e abandono escolar. Todo esse processo, podemos, com base em Chauí (1997), tratar como alienação social, fenômeno que tem uma enorme influência em nossas vidas, mesmo que não percebamos. Explica Chauí (1997, p.172):

A alienação social é o desconhecimento das condições históricas-sociais concretas em que vivemos, produzidas pela ação humana também sob o peso de outras condições históricas anteriores e determinadas. Há uma dupla alienação: por um lado, os homens não se reconhecem como agentes e autores da vida social com suas instituições, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, julgam-se indivíduos plenamente livres, capazes de mudar suas vidas individuais como e quando quiserem, apesar das instituições sociais e das condições históricas.

A autora é categórica quando coloca o fenômeno da alienação como um fenômeno imperceptível para aqueles que não se propõe a refletir sobre ela, ou sobre a vida e o sistema social. Com efeito, estamos sempre a mercê de forças do sistema político-econômico, um fenômeno que nos controla historicamente e muitas das vezes acabam por determinar nossa situação social. A ideia de que somos seres plenamente livres pode nos dar a motivação para buscarmos algo melhor no futuro, e lutar contra as forças dominantes que nos fadaram a viver em condições degradantes; portanto, não apaga alguns determinismos do nosso passado como podemos perceber no comportamento social de muitas famílias brasileiras que são reproduzidas ainda hoje, mas que tem um contexto histórico extenso de não entender o poder libertador da educação.

Os dados atuais da EJA do município de Breves refletem parte do que menciona a autora. Esses dados obtidos através do Censo Escolar e do QEdU (2021), revelam que no ano de 2018 foram matriculados na EJA um total de 2.819, em 2019, verifica-se uma pequena redução, a matrícula foi de 2.135 e em 2021, a matrícula foi de 2.658. Percebe-se uma pequena oscilação para baixo, mas possivelmente esteja relacionado à pandemia de Covid 19.

3.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas escolas municipais da periferia da cidade que são: EMEF. Ruth Helena da Silva Fernandes, e EMEF Professor Estevão Gomes localizada no bairro da Cidade Nova. A EMEIEF Ruth Helena da Silva Fernandes está localizada na Rua Francisco Jose da Rocha – bairro Castanheira; possui oito salas de aulas; 68 funcionários; Sala de diretoria; Cozinha; Banheiro dentro do prédio; Sala de secretaria e Despensa. No ano da pesquisa a escola contava com 382 alunos de series iniciais (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano), e 194 alunos de EJA distribuídos em 06 turmas (INEP, 2019).

A EMEF Professor Estevão Gomes está localizada na Avenida Portel, bairro da Cidade Nova; tem 14 salas de aulas; 105 funcionários; Sala de diretoria; Sala de professores; Laboratório de informática; Quadra de esportes coberta; Cozinha; Biblioteca; Sala de leitura; Banheiro dentro do prédio; Banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; Sala de secretaria; Banheiro com chuveiro; Refeitório; Despensa; Almoxarifado; Auditório e Pátio coberto. Em 2019, contava com 730 alunos nos Anos finais (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano); 14 alunos de series especiais e 423 alunos de EJA (INEP, 2019).

3.3 Perfil socioeconômico dos alunos da EJA das escolas pesquisadas

Os dados foram obtidos com o questionário aplicado junto a oito alunos da EJA, sendo quatro alunos de cada escola. Tais dados revelaram o seguinte cenário: 75% dos participantes tinham idades entre 17 e 21 anos, sendo caracterizados como adultos jovens e 25% dos participantes apresentam idade entre 42 e 65 anos, caracterizados como adultos de média idade. Segundo o IBGE (2010) no Brasil a EJA é composta por 22, 2% de jovens e adultos entre 15 a 40 anos e 10% de adultos em idade média de 40 a 65.

Quando relacionamos os participantes da pesquisa ao seu sexo, verificamos que 50% dos pesquisados são do sexo masculino e 50% são do sexo feminino. Em relação ao estado civil, 62,5% se declararam solteiros, 25% se declararam casados e 12,5% viúvo. Verifica-se que os solteiros é a maioria, o que indica um perfil mais jovem da EJA, como é possível observar com o percentual da faixa etária.

Sobre as condições de moradia de nossos entrevistados os dados revelaram que 62,5% moram no bairro centro e 37,5% moram em bairros da periferia. Verifica-se que 62,5% moram em residências próprias, 25% vivem em casas alugadas e 12,5% em moradias cedidas. Quanto ao tipo de moradia, 87,5% moram em casas de madeira e 12,5% em edificações de alvenaria.

Quanto aos dados relacionados a consumos básicos de uma família, 100% declararam ter energia elétrica em suas residências, só não especificaram ser regular ou irregular; e 37,5% possuem água encanada nas residências e 62,5% não possuem água encanada em suas residências, um fato comum na sede do município que apresenta uma rede de distribuição de água deficitária.

Em relação da situação ocupacional (que pode ser emprego formal ou informal) dos alunos pesquisados, 75% se declaram desempregados e sem nenhuma renda oriunda de trabalho. Desse percentual 25% se declaram com renda oscilante (tem ganhos com serviços autônomos) e 25% declaram que se ocupam de atividades domésticas não remuneradas. Relacionado à renda dos participantes, 75% declaram não ter renda própria e que se mantem com a renda de familiares e 25% declaram ter renda de um salário mínimo. Analisa-se que a maioria dos pesquisados em idade produtiva estão sem trabalho e renda.

Com relação à quantidade de membros em uma família, com base na declaração dos entrevistados temos em média de 5.87 membros em cada família dos participantes, um percentual acima da média nacional, que segundo o IBGE é de 3,1 membros na família. Mesmo tendo uma família grande, verificamos que 62,5% não têm filho, logo, apenas 37,5% possuem filhos. Este dado pode sugerir não ser a relação conjugal, a maternidade e a paternidade um dos motivos para a evasão que é de 25%. Verificamos que 37,5% dos entrevistados evadem em função do trabalho precoce; 25%, por não se sentirem motivados em estar na escola; 12,5% por conta da violência e 12,5% por conta de gravidez e 12,5% não indicaram um motivo.

3.4 Perspectivas dos alunos pesquisados.

Neste tópico analisaremos as perspectivas dos alunos sobre a escola e a educação, com base nas 14 perguntas subjetivas feitas aos interlocutores. Optamos por apresentar a pergunta e as respectivas respostas, entendendo que tal organização permite uma melhor compreensão e análise dos dados.

Quadro 01A - Tempo de estudo dos entrevistados.

1ª	Quando era mais novo, você chegou a estudar e por quanto tempo?
01	Sim, pouco tempo.
02	Não.
03	Não me recordo.
04	Quando eu era mais nova eu não comecei a estudar, comecei quando tinha 11 anos. Dai comecei a estudar pelo Bomtempo até hoje.
05	Sim até agora uns 11 anos
06	Eu nunca parei de estudar.
07	Sim, parava de estudar todo ano.
08	Eu sempre estudei.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

O primeiro questionamento aplicado aos pesquisados tem referência ao tempo de permanência estudando na infância e adolescência, podemos perceber que em sua maioria, ou não estudaram, ou passaram pouco tempo estudando se comparado com o tempo exigido para se concluir o ensino fundamental e médio que é de 12 anos. Os pesquisados quase não frequentaram a escola, com exceção de dois entrevistados que afirmaram não terem parado de estudar, mas apresentam distorção idade/série.

Verifica-se que os alunos da EJA, por motivos sociais ou motivacionais não estudam, evadem ou repetem por várias vezes a mesma série. Neste quadro apenas deixamos claro que os alunos EJA, sempre apresentam algum tipo de distorção idade/série, por conta de variáveis que influenciaram em suas vidas seja elas culturais (no caso do trabalho precoce ou a não importância à escolarização como meio de desenvolvimento pessoal e profissional), ou por questões financeiras e motivacionais, que nos primeiros anos de vidas, fica a cargo principalmente da família.

Quadro 02A – Período de interrupção de estudo dos entrevistados.

2ª	Em que ano você parou de estudar?
01	Primário
02	Nunca tinha estudado
03	Eu repeti de anos algumas vezes
04	Eu parei em 2016, parei meus estudos e quase parei de novo em 2018 também

05	Não parei
06	Nem um ano eu parei de estudar
07	Segunda série
08	Nunca parei

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

As respostas apresentam os seguintes cenários: um aluno afirma nunca ter estudado, referido aluno é o mais velho entre os entrevistados; três alunos pararam de estudar por determinado período por motivos distintos; três alunos nunca pararam de estudar, estes são os mais novos entre os entrevistados, os mesmos são amparados pela família; um informou ter repetidos várias vezes e por este motivo está cursando a EJA para recuperar o tempo perdido.

Quadro 03A – Motivos que levaram os entrevistados parar de estudar.

3ª Por que você parou de estudar?	
01	Porque casei e fiquei grávida.
02	Não podia estudar, ajudava meus pais na roça.
03	Sou repetente.
04	Por conta de uma situação familiar, que uma menina invadiu a escola pra mi furar com uma faca. E quando eu estudava no EJA, também, quase, para por conta que eu trabalhava e chegava cansada, mas mesmo assim chegava atrasada, mas eu ia quase desisto nessa.
05	-----
06	Nunca parei de estudar.
07	Fugia da escola para brincar, depois saia para jogar bola, sempre parava de estudar.
08	Estou estudando.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Os motivos para parar de estudar foram diversos, desde o trabalho precoce, gravidez e violência, sendo as respostas mais frequentes repetência e desmotivação para estudar que findava na repetência também, certamente os resultados tiveram estes contornos por se tratar na maioria de alunos novos com menos de 21 anos e apenas os alunos de mais idades as causas foram trabalho e questões afetivas.

Como podemos perceber na contemporaneidade não há uma hegemonia nos motivos pelos quais os alunos frequentam a EJA como na década de 70 a 2000, hoje o público em sua maioria é mais jovem, não são trabalhadores e nem tem vida conjugal estável, ou seja, no município de Breves o perfil dos alunos da EJA apresenta outro modelo, que se diferencia de modelos das décadas passadas.

Quadro 04A – Período e motivos que levaram os entrevistados voltaram a estudar.

4ª Quando você voltou a estudar e por que voltou?	
01	Voltei este ano (2019), porque quero aprender mais ler e escrever
02	Comecei a estudar em 2017, para aprender escrever meu nome e ajudar meus netos na lição de casa.
03	Eu não deixei de estudar.
04	Eu voltei a estudar em 2017 porque minha mãe ficou do meu lado e mi deu forças pra voltar a estudar, conselhos e foi isso.
05	-----
06	-----
07	Voltei em 2018, para conseguir um emprego melhor, por causa de meu filho.
08	-----

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

A volta para a escola deve-se a vontade de aprender a ler, de conseguir um emprego. Podemos perceber nas respostas acima que para os entrevistados a educação escolar resume-se a aprender a ler e ter um bom emprego. É possível sugerir que falta para os entrevistados um entendimento mais amplo, isto é, entender também a educação como ferramenta para libertá-los da servidão e exploração capitalista. Entendemos que a educação escolar não é a única responsável por uma formação emancipatória da qual fala Freire (2005), mas sem ela a emancipação não será impossível. Daí dizer que a escola não tem apenas a função de letrar (ensinar a leitura e a escrita) os alunos, mas, também, de promover a troca de conhecimentos, amadurecimento intelectual, e a construção de uma formação crítica. Para isso, como nos ensina Freire (1997) à escola precisa ensinar o aluno a ler o mundo, ou seja, compreender as injustiças e desigualdades como fruto de processos históricos, bem como operar com a tecnologia e saberes disponíveis, tal como aponta Friedrich *et al* (2010):

O adulto analfabeto defronta-se com a sociedade letrada e necessita de, no mínimo, saber enfrentar a tecnologia da comunicação para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos (FRIEDRICH *et.al*, 2010 apud MIRANDA; SOUZA; PEREIRA 2016, p. 02).

Uma análise crítica da realidade dos alunos da EJA nos leva a perceber que estes sujeitos, são vítimas de um sistema excludente. Tal sistema pautado na perspectiva capitalista de base meritocrática exclui a população pobre e atribui a ela a responsabilidade pelo próprio fracasso. Diante desse quadro uma escola que não valoriza a cultura e não dá importância aos sujeitos como sujeitos de direito corrobora ao sistema excludente.

Quadro 05A – Relação trabalho e estudo dos entrevistados.

5ª Caso trabalhe, como você faz para trabalhar e estudar?	
01	Trabalho em casa, e tenho que deixar tudo pronto.
02	Quando saio do trabalho, vou em casa tomar um banho, comer alguma coisa e daí vou direto para a escola, é bem cansativo.
03	Não trabalho.
04	É preciso de muita disposição pra estudar e trabalhar, tento sempre ficar sabendo os assuntos que passam, procuro sempre fazer as atividades é isso. Não é fácil mais também difícil não é.
05	-----
06	Eu ainda não trabalho.
07	Quando tem trabalho, saio do trabalho e depois vou para escola, quando não tou muito cansado.
08	Eu não trabalho.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Como se verifica apenas três dos pesquisados afirmaram não trabalhar, mas, a maioria pontua o trabalho como um desafio para conciliar os estudos. Em detrimento desta especificidade a escola deve se preocupar em oferecer melhores condições de estudo para estes alunos, pois devemos levar em consideração o cansaço que é um desmotivador na maioria dos casos, principalmente quando o aluno não tem uma perspectiva de futuro pautada no estudo.

E a escola tendo “conhecimento” deste fator desmotivador, deve ter a preocupação que Arroyo aponta nos escritos de Ferreira; Vitorino (2018, p. 283).

Arroyo coloca o leitor diante de reflexões profundas sobre uma das dicotomias vigentes nas escolas “corpo/mente”, em que o jovem ou adulto é visto apenas como “mente incorpórea” (p. 274). Ou seja, a preocupação da escola limita-se à mente do educando, ignorando sua corporeidade, a(s) linguagem(ens) de seu corpo. Daí, talvez, a crise de identidade individual e de seus coletivos, uma vez que ‘o encontro entre o sujeito e ele mesmo pode vir pelo corpo’. (grifos dos autores).

Resolvendo esta primeira dificuldade de tornar a escola um ambiente acolhedor e estimulativo para os alunos, deve-se considerar objetivo primeiro da educação, isto é, tornar o aluno um cidadão consciente, ou seja, proporcionar uma formação capaz de libertar da opressão. Se a escola não agir enquanto instituição de maneira diferente a educação apenas vai servir para o que Frigotto (1999, p. 41) aponta:

O montante de investimento que uma nação faz ou os indivíduos fazem, na expectativa de retornos adicionais futuros. Do ponto de vista macroeconômico, o investimento no “fator humano” passa a significar um dos determinantes básicos para aumento da produtividade e elemento de superação do atraso econômico. Do ponto de vista microeconômico, constitui-se no fator explicativo das diferenças individuais de produtividade e de renda e, conseqüentemente, de mobilidade social.

Acreditamos que por mais que a escola seja vista e até configure-se como instrumento ideológico do Estado, os/as docente não querem apenas que seus alunos sejam preparados para atender as necessidades do mercado, mas, também, desenvolverem-se humana e intelectualmente. E assim alcançarem um entendimento real do mundo onde vivem de modo a libertarem-se das amarras do poder da opressão e exploração político-econômica.

Quadro 06A – Incentivos para estudar.

6ª Sua família, amigos lhe incentivam a estudar ou dizem que está perdendo tempo?	
01	Os meus filhos sim, meu marido diz que não adianta mais estudar.
02	Meus filhos me incentivam e ajudam muito.
03	Me incentivam a continuar.
04	Muito, minha família sempre, tá junto comigo mi incentivando, mi dando forças. Principalmente minha mãe.
05	Incentivam bastante.
06	Minha família sempre me incentivou a estudar e meus amigos também.
07	Sim, minha esposa, mais sempre me incentivam para estudar e não parar mais.
08	Claro que sim eles me incentivam a estudar.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Observamos em apenas um caso que o cônjuge não incentiva o/a pesquisado/a estudar, mas, a maioria é motivada a estudar. Em nosso entender a motivação deve ser trabalhada nas aulas também, através da reflexão crítica como propõe Freire (1996). Para este autor a motivação precisa ser consciente e de fato operar na atitude dos alunos e incentivá-lo a estudar, buscar formação que possibilite libertar-se de qualquer tipo de opressão e segregação.

Quadro 07A – Incentivo do empregador para os entrevistados estudarem

7ª Caso seja empregado, o patrão lhe incentiva estudar? Por quê?	
01	Não trabalho
02	Como trabalho de pedreiro, às vezes sou meu próprio patrão.
03	Não trabalho.
04	Bom eu trabalho com minha mãe, então minha patroa é ela, sempre ela me incentiva.
05	-----
06	Eu ainda não trabalho.
07	Quando estou trabalhando, os patrões não atrapalham.
08	Não trabalho.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

As respostas reforçam uma realidade recorrente entre a população pobre, isto é, a prevalência de trabalho informal ou autônomo, como é o caso do entrevistado que respondeu, “sou meu próprio patrão”. Talvez tal fato seja um motivador para estudar, mas, os motivos são variados, pois depende do interesse e necessidade de cada aluno, o que certamente envolve questões de caráter pessoal e social.

Quadro 08A – Sentimento de exclusão

8ª Você se sente excluído por não ter estudado? Justifique.	
01	Às vezes, mas conversas com algumas pessoas fico mais calada com medo de fazer errado, e essas pessoas rirem de mim.
02	Não, só não sabia ler e escrever, mas sabia muito da vida.
03	Não me sinto.
04	Um pouco, porque é sempre um grande peso nas costas é ouvir a família falar de você muito, por conta disso é difícil.
05	-----
06	Não porque eu ainda estudo.
07	Não.
08	-----

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Como se constata uma parte dos pesquisados se sente excluídos por não ter estudado e uma parte não se sente. Mesmo carregando em suas trajetórias de vida a marca da exclusão talvez nenhum tenha clareza e certeza do que é de fato uma exclusão social. Como sabemos a exclusão social em termos epistemológicos é um conceito que se refere a um fenômeno social, que nega aos cidadãos acesso com qualidade a direitos sociais, dentre eles a educação.

Quadro 09A – Dificuldade para permanecer estudando

9ª Você sente dificuldade em permanecer estudando? Por quê?	
01	Sim, é um pouco cansativo ir todo dia para escola, às vezes pegamos chuva, risco de ser assaltada, as ruas até a escola são escuras.
02	Sim, bastante, a maioria dos alunos são bem mais novos que eu, aí não consigo acompanhar às vezes, e tem o cansaço também do trabalho.
03	Não porque o estudo é fundamental.
04	Eu sinto, um pouco, por conta que minha mãe, meu irmão e eu passamos por muita necessidade, é eu estudo, eu penso em parar de estudar e trabalhar.
05	-----
06	Eu não tenho dificuldade nem uma para mim permanecer na escola.
07	Sim, é muito cansativo, às vezes saio muito cansado e quase não dou conta de ir para escola.
08	Não.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

A pesquisa aponta para muitos fatores externos a sala de aula, como dificuldades para continuar e ter êxito no estudo. Dentre estes fatores está à carência financeira e a precariedade da estrutura urbana nas periferias que em sua maioria é constituída por ruas escuras e sem pavimentação o que facilita a violência, neste caso os assaltos, por falta de policiamento e luminosidade nas ruas.

A dificuldade dos mais velhos em acompanhar os ritmos dos alunos mais novos. Os/as professores/as precisam considerar as prováveis dificuldades de enxergar bem, de compreender os assuntos e participar ativamente das aulas. Os dados permitem verificar ainda que o cansaço é um dos problemas dos alunos da EJA, que em parte saem de seus trabalhos para enfrentar mais uma jornada, a do estudo.

Quadro 10A – Perspectiva dos alunos em relação aos estudos

10ª	Você deseja alcançar algo por meio do estudo? O que, por exemplo?
01	Estudar para conseguir um trabalho.
02	Não sei, acho que já é tarde para mim.
03	Sim, um curso superior e um bom emprego.
04	Sim, uma faculdade e mi formar várias profissões.
05	Sim, meu desejo é chegar a servir e me tornar policial.
06	Sim, me formar em pedagogia ser professor de crianças.
07	Sim, primeiro um emprego melhor e quem sabe estudar em uma universidade.
08	Sim, ser professora de educação física.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Althusser (s.d) nos ensina que um dos papéis que a escola desenvolve é de agente ideológico do Estado. Nessa lógica sua finalidade tem sido de atender aos interesses do capital. Assim sendo, para a população mais pobre a educação escolar volta-se para promover uma formação técnica, em consonância com o que mercado exige. Não é assim papel da educação promover uma formação crítica, que permita ao sujeito não apenas ler a palavra, mas, sobretudo, ler o mundo e saber intervir nele de forma consciente.

Frigotto (1999) ajuda ampliar tal entendimento ao dizer que o aprendizado na escola capitalista é um aprendizado disciplinado e funcional. Esta escola no dizer que Gintis (1974), "[...] influi de maneira considerável sobre a personalidade dos indivíduos, é reduzida progressivamente ao seu papel funcional: ela favorece as condições psicologicamente requeridas para formar a força de trabalho alienado que é desejada" (FRIGOTTO 1999, p. 47). Aos donos do capital interessa sujeitos obedientes e disciplinados e não sujeitos críticos como deixam claro os autores citados.

Freire (1997) ensina que somente uma educação libertadora pode tirar os alunos da condição de opressão e da exclusão social. O autor mostra com isso que a educação é um caminho possível para tirar milhares de sujeitos da subalternidade. A primeira atividade é romper com o caráter unicamente técnico e funcional da educação.

Quadro 11A – Interesses dos alunos entrevistados pela escola

11ª Você gosta de estudar?	
01	Às vezes sim.
02	Tem dias que sim, às vezes não.
03	Mais ou menos.
04	Sim gosto.
05	Sim gosto.
06	Sim.
07	Gosto, para ter um futuro melhor.
08	Sim, e sonho alcançar todos os meus objetivos através do estudo.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Podemos dizer que todas as respostas indicam que os entrevistados gostam de estudar. Estudar diante de condições tão adversas vivenciadas pelos entrevistados, que poderiam desmotivá-los definitivamente, pois os processos sociais alienantes têm uma força cultural diante do comportamento e condutas da grande maioria da população menos esclarecida, portanto, podemos aqui afirmar que mesmo passando por situações sociais adversas conseguiram preservar o desejo de estudar.

Podemos também analisar estas respostas como um produto das dificuldades sociais e financeiras impostas pelo sistema social, que veio a motivar tais alunos a retornarem para as aulas na busca de uma qualidade de vida melhor do ponto de vista financeiro, não do ponto de vista intelectual, pois as respostas dos alunos desde o início do questionário não apontam para esta característica.

Quadro 12A – Coisas que os entrevistados não gostam nas aulas e escola.

12ª O que você não gosta nas aulas e escola?	
01	As salas são um pouco escuras, e fica difícil de escrever do quadro.
02	A bagunça dos outros alunos
03	Ensinaamentos desnecessários.
04	Não gosto de bagunça, barulho e falta de respeito.
05	-----
06	Eu não gosto nas aulas que as aulas não sentar em fileira e também fala muito durante as aulas e na escola eu não gosto que os alunos fique riscando quadro e as cadeiras e mesa e as paredes
07	Quando o professor fica o tempo todo escrevendo no quadro é chato, e como a gente tá cansado já, quase da vontade de ir embora, a escola também é suja e escura, e quando saímos corremos o risco de ser assaltados.
08	O que eu não gosto nas aulas e a questão do horário que algumas matérias são muito reduzidas (pouco tempo). A estrutura da escola em relação às péssimas manutenções que poucas são feitas.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Como podemos perceber há vários fatores que podem influenciar negativamente na permanência do aluno na escola, fatores relacionados ao currículo, a prática docente, metodologia, infraestrutura e até a bagunça dos colegas. A LDB, na SEÇÃO V, Art. 37, § 2º estabelece que cabe ao Poder Público viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si, e no § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (LDB 1996, p. 30 - 31).

Quadro 13A – Mudança que a escola precisa na perspectiva dos entrevistados

13ª	O que precisa mudar na escola?
01	Ser mais iluminada, principalmente as salas de aulas, em dias de chuva às vezes alaga tudo também.
02	Muitas coisas, começando por uma boa reforma, parece que ela vai até cair às vezes.
03	Ela precisa de uma reforma.
04	As atitudes de falta de higiene, mais lixeiras e também respeito.
05	Muitas coisas, como a ordem na entrada, muitas pessoas sem uniforme.
06	Precisa mudar tipo banheiros.
07	As salas precisam ser mais claras, tem salas que só tem duas lâmpadas.
08	Qualidade do horário, reforma com mais frequência e melhoria no lanche.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Com a garantia de um local para estudar mais adequado por parte dos gestores o resultado na educação de jovens e adultos, que em parte hoje são trabalhadores ou donas de casa, pode melhorar consideravelmente com um ambiente adequado. Os jovens e adultos precisam ser vistos como alunos e não assumindo o papel de alunos. Ser vistos como alunos requer que se leve em conta as atividades laborais e as condições de aprendizagem que são diferentes das crianças e adolescentes.

Quadro 14A - Representação da escola para os entrevistados

14ª	O que é a escola para você?
01	Um lugar onde buscamos aprender.
02	Não sei
03	Um lugar de aprendizado.
04	Educação, realizações de sonhos, desenvolvimento, respeito, sinceridade e levar a sério.
05	A escola é o essencial da vida, pois em estudo a pessoa não vai muito além.
06	A escola pra mim e como segunda casa lá eu tenho meus pais que são professores e meus irmãos que são meus amigos e colegas e também eu aprendo muita coisa a escola e tudo pra mim porque através dela eu vou conseguir realizar meus sonhos.
07	Um lugar que a gente vai para aprender.
08	É para ser um dos lugares onde podemos melhorar nossa aprendizagem.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Como se verifica para a maioria dos entrevistados a escola é lugar de aprendizagem, significado que a sociedade ensina a todos nós. A escola é também espaço de ensinamento de vida, isto é, lugar onde se praticar experiências. Entender a escola com lugar de vida, trabalho e desenvolvimento social e cognitivo é indispensável para entender sua importância na sociedade.

3.5 Perspectivas dos docentes pesquisados

Quem são os docentes da EJA das escolas pesquisadas? 60% são do sexo masculino e 40% são do sexo feminino. Em média os docentes já trabalham 17.2 anos na educação, e suas atuações na EJA chega há uma média de 6.6 anos; estes dados nos mostra que os docentes têm significativa experiência na docência, o que pode ajudar na condução das aulas e em aplicar uma melhor metodologia de ensino e que ajude os alunos a desenvolverem mais além da leitura e escrita um senso crítico relacionado à realidade.

Quanto à formação dos docentes, verifica-se que 100% possuem graduação em suas áreas de atuação, e 80% tem pós-graduação *latu sensu*, desta maneira são professores que se especializaram mais para exercerem suas profissões com maior maestria, pois através de suas pós-graduações os profissionais atualizam seus conhecimentos e desta maneira podem proporcionar aos alunos uma melhor qualidade de ensino.

Perguntamos a esses docentes quem são os alunos da EJA e de onde eles vêm para que assim pudéssemos entender a partir da perspectiva dos professores como os alunos são retratados.

Quadro 01B – Os alunos da EJA na visão dos docentes entrevistados.

1ª Quem são os alunos da EJA? De onde eles vêm?	
01	Na sua grande maioria, residentes em áreas mais periféricas da cidade e uma boa porcentagem oriundos do meio rural.
02	Os alunos da EJA hoje, em sua grande maioria são jovens vindos do ensino fundamental com distorção de idade, que por diversos motivos não conseguiram avançar ano após ano e assim são remanejados para EJA.
03	São alunos que em sua maioria provem da classe baixa, jovens que não se encaixaram mais para estudar no fundamental, essas pessoas, a grande parte vem da periferia da cidade.
04	Os nossos alunos da EJA são alunos em sua grande maioria, são de idades variadas, onde suas faixas etárias vai de 15 até os 68 anos, no caso da turma em que trabalho. Os seus depoimentos eles relatam que querem pelo menos assinar o nome, isto é aqueles que já estão na melhor idade. Os mais jovens vem das series anos iniciais do fundamental que não conseguiram avançar e se tronaram distorção de idade/serie.
05	Os alunos da EJA são trabalhadores, empregados, desempregados que já e/ou nunca tiveram acesso à escola. Muitos vêm a ingressar na EJA por conta da desistência escolar que tiveram, motivado pela necessidade financeira e falhas presentes na escola em a nos anteriores.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

De acordo com os docentes a maioria dos alunos da EJA é formada por jovens oriundos da periferia da cidade. Há ainda adultos de meia idade e oriundos do meio rural. Apenas um se referiu aos alunos como trabalhadores. Os entrevistados destacam a mudança do perfil dos alunos da EJA, talvez não apenas pela legislação que permiti alunos de 15 anos em diante, mas pela maioria de desempregados, fruto da baixa oferta de emprego formal, pois, aqueles que trabalham estão na informalidade.

Desta maneira, os docentes apresentam um perfil de aluno formado por jovens e adultos, que não trabalham, ou estão desempregados ou fazem trabalhos informais. Tem-se, assim, um novo perfil em relação aquele apresentado em décadas passadas, isto é, tem-se um perfil de aluno bem diferente para o qual a EJA foi formulada a princípio. Mas tal qual se trata de alguém que está “aquém” da realidade de nosso país, apesar dos avanços na educação. Uma educação que, aliás, sofre com as distorções idade/série entre outros fatores.

Quadro 02B – Média de idade e questões de trabalho.

2ª Qual a média de idade deles? Todos trabalham? É trabalho formal ou informal?	
01	Antigamente com uma média de idade de 20 a 40 anos, porém com a alteração da legislação, temos um público de 16 a 35 anos;
02	Quanto à média de idade não sei exatamente. Nem todos trabalham e dos que tem alguma atividade a maioria é informal.
03	A maioria jovem nem todos trabalham.
04	A idade varia de 15 até os 68 anos. A maioria trabalha, a porcentagem da informalidade é superior.
05	A média de idade dos alunos da EJA varia entre 15 a 60 anos a maioria trabalhadores exercendo um trabalho informal.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Como se verifica nas respostas a média de idade dos alunos anos atrás ficava entre 20 a 40 anos, já na atualidade está média concentra-se entre 15 a 60 anos e isso pode estar atrelado a vários fatores. No caso dos mais velhos é possível que seja para aprender o mínimo de leitura, como já foi sinalizado, e assim poder acessar conhecimentos que os ajude ultrapassar as dificuldades da vida cotidiana. A busca por mais conhecimento é fundamental para qualquer ser humano possa integrar-se a sociedade.

Em síntese o perfil dos alunos da EJA, compreende um público em sua maioria entre 16 e 35 anos. A maioria desses alunos não está no mercado formal de trabalho e sim no trabalho informal, que é uma tendência no município de vocação rural e de baixa escolaridade na maioria da população, onde apenas 7,7% desta população estão no mercado formal de trabalho. As respostas que seguem tratam da permanência e o acesso destes alunos a escola. Mas que também nas primeiras duas perguntas irão contribuir com a elaboração do perfil dos

alunos da EJA do século XXI.

Quadro 03B – Qualidade do acesso à educação pelos alunos da EJA

1ª A escola garante o acesso com qualidade a esses alunos? Como isso ocorre?	
01	Acho que “garantir” seria um tanto perigoso, todo professor busca na sua essência o melhor para cada turma, todavia o resultado depende muito do seu planejamento, estrutura de materiais e seu controle emocional.
02	Com relação ao acesso sim, são ofertadas vagas e geralmente todos que procuram são matriculados.
03	De certa forma sim, entretanto eles acabam evadindo por diversos fatores que em sua maioria não estão ligados à escola e sim a questões sociais.
04	A escola sempre procura maneiras para que estes alunos não venham a evadir-se ou desistir buscando métodos de conciliar as aulas com seus trabalhos, tipo “chegar atrasado e não entrar” isso não ocorre, pois esses alunos assistem às aulas e levam tarefas para compensar o tempo que não estavam em sala de aula.
05	As escolas que atendem a EJA tem que garantir aos alunos todos os acessos possíveis de qualidade, posso dizer que a escola que trabalho, garante no que for possível atender a todos independente da situação ocorrida e o mesmo possa ter uma aprendizagem de qualidade, prezando permanência, desempenho, conteúdo correspondente a sua etapa, apoio escolar e outros suportes.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

É possível perceber que os docentes não conseguem responder de maneira afirmativa que a escola garante acesso de qualidade a esses alunos e destacam que isso porque há uma série de fatores. A atual LDB (Lei nº 9.394/1996, na seção V, art. 37 §1º), estabelece que o acesso à educação é cumprido quando garante gratuidade para ingressar nos estudos, oportunidades apropriadas de educação considerando as características do aluno e interesses, condições de vida e trabalho. De acordo com as respostas dos alunos vimos que são muitas as questões que dificultavam este acesso, a exemplo da iluminação e o cansaço. Para amenizar isso as cadeiras devem ser adequadas, a merenda também, o que percebemos ser inadequadas, isso mostra que a escola acaba tendo características apontadas por Arroyo (2017), isto é, a escola vê o aluno como uma “mente incorpórea”. Para romper com esse quadro defendemos o uso da tecnologia e de metodologia que deve estimular os alunos a participarem da aula de forma ativa, potencializando e deixando claro alguns interesses.

No §2º LDB que tem referência à motivação e estimulação da permanência dos alunos na escola, as ações integradas, a nosso entender seria atividade em classe e extraclasse, interação dos conteúdos ministrados com ações na comunidade e em outros ambientes sociais, que pouco percebemos na maneira como é planejado e executado as tarefas educacionais. No

§3º que diz do articular o conteúdo educacional com a educação profissionalizante, também não conseguimos perceber esta dinâmica na fala dos docentes.

Desta maneira não concordamos que o sistema educacional do município consiga segundo LDB garantir acesso à educação de qualidade a estes alunos. Essa negação de direitos acaba sendo um dos fatores que promove a evasão escolar.

Quadro 04B – Dificuldades de permanência

2ª Quanto à permanência, em sua opinião, quais as dificuldades que esses alunos enfrentam para permanecer estudando?	
01	O público da EJA é uma “clientela” que vai além das “4 paredes”, a evasão está correlacionada a vários fatores como o perfil de seus responsáveis, o social-financeiro e suas relações interpessoais.
02	As dificuldades variam, as mulheres, por exemplo, geralmente são os filhos, maridos e gravidez. Já os homens alguma carga de trabalho diário que geralmente é pesado, violência, drogas que muitas vezes os levam a prisão e entre outros.
03	Grande parte desses alunos já chegou a EJA desestimulados por fatores diversos, principalmente questões socioeconômicas, alguns são jovens que já tem envolvimento com drogas, etc.
04	Nesta longa jornada como docente as disciplinas são inúmeras, mais as que mais influenciam são: emprego fora da cidade, ciúme dos cônjuges, não ter com quem deixar os filhos enquanto estão na escola e os mais jovens são as festas culturais como quadrilha, carnaval e até mesmo envolvimento com drogas ilícitas.
05	As dificuldades mais presentes enfrentadas pelos alunos para permanecerem estudando é a socialização no ambiente escolar, na sala com os colegas e conciliar os estudos e trabalho.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Os pesquisados destacam nove motivos que podem atrapalhar na permanência dos alunos na escola (financeiro, relações conjugais, filhos, marido, gravidez, trabalho, violência, drogas e ensaio para festas juninas). Desses motivos o trabalho é apontado como o principal, em função do cansaço que o trabalho provoca que acaba por desestimular os alunos a permanecerem estudando. O cansaço desestimula o aluno em ir para aula, motivo este apontado pela maioria dos docentes; outro ponto que os docentes apontaram refere-se à utilização de drogas por alguns alunos, certamente fruto de desequilíbrio emocional e desestrutura socioeconômica das famílias, o que atinge diretamente estes alunos que veem nas drogas o refúgio para suas frustrações influenciando assim, bastante na evasão do aluno da escola; relações interpessoais, família (não ter com quem deixar os filhos pequenos) e ciúme dos cônjuges, fatores de relacionamento interpessoais que vem a desestimular a permanência dos alunos na escola, pois estes atritos e cobranças intra e extra familiar não estimulam os alunos a permanecerem estudando.

Outros motivos elencados pelos docentes para a evasão escolar: violência, gravidez, festas juninas (que é uma tradição muito valorizada pelos jovens do município), assim como o perfil dos responsáveis e parceiros que geralmente não tem uma compreensão real dos benefícios da educação vindo a não estimular os alunos.

Todos estes motivos apontam para um perfil comportamental dos alunos de desequilíbrio emocional, financeiro, de relações conjugais e sociais, que levam os alunos a desistirem mais facilmente da permanência na escola, por não serem resilientes⁶ a determinados problemas pessoais e sociais.

Além deste comportamento de evasão estar em concordância com o que Lane (1995) e Chauí (2000) falam sobre alienação, pois a alienação acaba por incapacitando os alunos de lutar dia-a-dia pela sua melhora de vida, achando que sua condição de vida é um determinismo até de certa maneira divino e que não adianta lutar para progredir, pois “Deus assim quis e não adianta lutar”.

Quadro 05B – Perspectivas sobre a estrutura física das escolas

3ª Em sua opinião, a estrutura física da escola é adequada para o desenvolvimento das atividades dos alunos da EJA? Por quê?	
01	Se todos nós realizássemos uma reflexão, e fizéssemos uma comparação estrutural da escola da década de 70 com a escola de hoje, iríamos perceber que pouca coisa mudou....
02	A estrutura é a mesma ofertada ao ensino fundamental, então a única necessidade maior é ter as escolas mais iluminadas. Porque se você quiser desenvolver uma atividade diferenciada não precisa de muitos materiais para desenvolver uma boa aula.
03	Sim.
04	Em se falando das salas de aula sim, pois todas as salas tem o tamanho padrão, porem os outros espaços como sala de vídeo, biblioteca, quadra poliesportiva coberta, área de recreação, sala de reforço pedagógico..., todos estes espaços a escola não tem para oferecer aos alunos.
05	Sim, pois na estrutura física da escola procuramos sempre sermos organizados, mantendo sempre todas as manutenções físicas escolar em dia para proporcionar uma aprendizagem diferenciada e de qualidade, principalmente manter a segurança seja no repassar dos conteúdos ou na vida de cada aluno, dentro da escola e o mesmo se sinta bem e queira sempre aprender.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Desta maneira percebemos que não há um ajuste na estrutura física para que possa acolher os alunos com base na acessibilidade como descrito na Lei nº 9.394/1996, na seção V, art. 37. Portanto, não há uma preocupação de ajustar a estrutura física ao perfil dos alunos da EJA.

O que percebemos possivelmente é uma não compreensão de que é a necessidades destes alunos, principalmente os de mais idades, quando falamos de estrutura física adequada na escola, onde esta se possível teria de apresentar uma estrutura de acesso, luminosidade, cadeiras mais confortáveis, logística para que as aulas fossem mais dinâmicas, enfim, uma serie de fatores que não são apontados diretamente na LDB, mas que é apontado por estudiosos como Arroyo (2017), que afirma que a escola ou o sistema escolar vê o aluno como uma “mente incorpórea”, então vê o aluno da EJA nas mesmas condições físicas e psicológicas dos alunos que estão em seu início de trajetória escolar, com gás, motivados e descansados por não terem outras atividades como o trabalho.

⁶ A resiliência é a capacidade do indivíduo de lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse, algum tipo de evento traumático, entre outros. (WIKIPEDIA, 2021, p.1)

Quadro 06B – Trabalho pedagógico com alunos da EJA

4ª Como você trabalha com os alunos da EJA? É diferente dos demais alunos? Por quê?	
01	O público da EJA, são alunos que estão cinco a dez anos afastados da sala de aula, é a grosso modo precisamos realizar um plano de conteúdo, baseado em situações problemas da aprendizagem, com textos menos complexos do que com as turmas regulares.
02	A clientela é outra, a faixa etária é outro, então o que interessa para eles é um pouco diferente das crianças do 6º ano com 11 e 12 anos de idade. Então pelo menos as atividades tem que ser voltadas pra algo, temas que chamem a atenção deles porque eles precisam ter o mínimo de interesse a ser motivados para querer aprender o que está sendo ensinado.
03	O trabalho deve ser diferenciado por se tratar de alunos com realidades diferentes dos alunos do dia.
04	O trabalho com os alunos da EJA é totalmente diferente dos demais, pois esses alunos tem a leitura de mundo, tem o conhecimento da vida vivida, como pai, mãe, logo eles têm muito a contribuir com suas histórias de vida e a escola procura sistematizar essas bagagens.
05	Procuro sempre respeitar a faixa etária dos alunos, o modo de ser e de agir dos alunos não tratá-los como crianças, atendê-los e ouvi-los respeitando-os, valorizando-os com a intenção de trazer melhorias para seu aprendizado. Não há nenhuma diferença entre alunos do EJA e os demais alunos, porque se trata da mesma metodologia de ensino com faixa etária diferenciada, com o propósito de oferecer aos alunos a conclusão da educação básica.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Neste questionamento acerca de como se trabalha os alunos da EJA, podemos perceber que os entrevistados, não apresentam uma metodologia definida para trabalhar com alunos da EJA, sendo que um entrevistado afirma que usam a mesma metodologia do fundamental, apenas com o cuidado de adequá-la a idade dos alunos. Um dos entrevistados aponta ainda que usam situação problema para ministrar a aula; e um entrevistado diz usar o diálogo com os alunos baseado na experiência de vida dos alunos.

Não percebemos aqui que há um domínio metodológico por parte dos docentes que trabalham na EJA, que eles vão adaptando a metodologia que utilizam com alunos do fundamental, não conseguindo cumprir o que a Lei nº 9.394/1996, na seção V, art. 37, preconiza, nem formando o aluno no sentido de ter uma consciência crítica e não formando e preparando para o mundo do trabalho. Mas logo em seguida e de maneira mais específica a pergunta sobre a metodologia.

Quadro 07B – Existência de metodologia específica da EJA

5ª Há uma metodologia específica para ensinar os alunos do EJA? Qual?	
01	Cada professor possui sua metodologia, não diria que existe uma específica com a EJA. Contudo gosto de passar bastante com eles pela linguagem não-verbal, charge, vídeos e curtas (cinema). Eles gostam bastante.
02	Não, o ano letivo inteiro uma mesma metodologia seria exaustão demais tanto pro aluno quanto para

	mim. Tem que saber levar o aluno, um dia explicativa ou conversa rir um pouco, uma atividade em grupo um jogo e assim vai.
03	Não.
04	Não há metodologia pronta ou acabada, pois nos docentes somos surpreendidos com situações que os alunos trazem do seu dia-dia e logo adequamos as aulas, a essas situações usando a transversalidade e interdisciplinaridade.
05	Sim, uma metodologia que posso utilizar a troca de experiências entre professor- aluno, trabalhando os conteúdos relacionando-os com que está mais próximo da vivência do aluno.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

As respostas revelam que os docentes compreendem a necessidade de metodologias diferenciadas. Porém, confundem metodologias específicas com metodologias únicas. Quando tratamos de metodologias específicas procuramos entender se os docentes fazem uso de metodologias condizente com a faixa etária e nível de aprendizagem; se percebem que os jovens e adultos necessitam de metodologias diferenciadas daquela usada com alunos no ensino fundamental. Para a maioria dos entrevistados não há metodologias específicas e a para a minoria há metodologia específica, mas não consegue especificar qual metodologia. Verifica-se certa tentativa de utilizar uma metodologia que prima pelo diálogo.

Quadro 08B – Interesse dos alunos pelas aulas

6ª Os alunos gostam de suas aulas? Por quê?	
01	Acredito que esse questionamento fica difícil responder, seria mais interessante os alunos responderem,
02	Bom, isso deveria ser perguntado a eles. Uns podem dizer que sim outros quem sabe diriam que não. Porque tem alunos que se identificam mais com um, outros não é assim que acontece.
03	Sim, porque demonstram com o retorno que tão.
04	Enquanto as aulas, os alunos em sua maioria demonstram que gostam. Em suas falas eles dizem que é pela atenção, pela busca de recuperar aulas que não estiveram presentes.
05	Sim, pois procuro deixá-los bem à vontade nas aulas para estimular a sua participação que é fundamental e no final das dinâmicas avaliativas atribuir pequenas vantagens em sala de aula por meio de pontos e assim torno minhas aulas atrativas e participativas envolvendo-os nas aulas, fazendo-os eles se sentirem importante nas aulas.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Nesta pergunta podemos fazer uma relação com resultados alcançados em sala de aula e a própria metodologia aplicada, pois quem tem o mínimo de leitura de Paulo Freire (1996), sabe que o diálogo, acaba por conectar os alunos com os conteúdos ministrados na aula e, por consequência, motiva os alunos a participarem da aula.

Mas as respostas indicam certa insegurança e desconforto por parte dos docentes. Como se verifica três docentes apontam que a pergunta seria melhor se fosse respondida pelos alunos, e dois docentes responderam que os alunos demonstravam gostar de suas aulas. Entendemos que o fato dos alunos gostarem das aulas depende de vários fatores, desde o diálogo ou a interação estabelecida pelos docentes. Estabelecer uma relação de solidariedade e

igualdade que aproximam os alunos dos docentes é fundamental para criar na escola um ambiente significativo e prazeroso de aprendizagem. Esta seria uma importante estratégia para que os alunos, munidos de experiências da vida, se aproximem dos professores e tenham uma relação de interação e aprendizagem com qualidade.

Quadro 09B – Principais dificuldades enfrentadas pelos alunos para aprenderem o conteúdo estudado

7ª Quais as principais dificuldades apresentadas pelos alunos para aprenderem o conteúdo trabalhado?	
01	Com certeza a falta de leitura, pois sem a aproximação com os livros, o vocabulário fica pobre, e nesse sentido ocorre à falta de percepção e entendimento do conteúdo trabalhado.
02	Eles não têm uma base boa, tem alunos que não dominam as operações fundamentais na verdade a maioria e outros bem sabem escrever e ler bem.
03	A maioria tem muita dificuldade de leitura e escrita e interpretação.
04	As atividades no caso da 2ª etapa são pelo tempo que ficaram parados, e em algumas situações é a dificuldades de aprendizagem.
05	As dificuldades que os alunos apresentam para aprender o conteúdo muito das vezes se reflete naqueles extremamente quietinhos, não faz perguntas para tirar dúvidas do conteúdo trabalhado.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

A pergunta questiona a percepção dos docentes sobre as dificuldades dos alunos em aprender, 80% dos docentes apontam como dificuldade para o aprendizado dos conteúdos pelos alunos, questões de base, como leitura, escrita e interpretação que depende da leitura também, e uma docente 20%, aponta a questão da timidez ou vergonha.

A explicação que os docentes apontam cabe também no perfil dos alunos, e este perfil também deveria ser utilizado como base para o planejamento das aulas dentro de uma metodologia que ajudassem mais aos alunos a ultrapassar tais dificuldades, além de instrumentalizar melhor os alunos para ultrapassarem as dificuldades do mundo.

Quadro 10B – Metodologia X desistência

8ª A metodologia do professor contribui para que o aluno da EJA desista da escola?	
01	O professor é um dos “ingredientes” dentro desse processo, no entanto os pais e responsáveis são fundamentais. Para tanto, o mundo perpassa por grandes transformações, e alguns métodos de ensino precisam ser mudados também, caso contrário, o aluno ficará disperso na sala e consequentemente propenso a evasão.
02	Há relatos de alunos que dizem não desistir porque não gostam do professor A ou B, mas isso é raro, tem mais questões pessoais e familiares que pesam muito mais que isso.
03	Não diria a metodologia, mas sim a postura do professor.
04	Enquanto docente tenho procurado todas as maneiras para que esses alunos prossigam e permaneçam na escola, ainda não tomei conhecimento de aluno que desistiu por causa da metodologia aplicada nas aulas.
05	Algumas vezes sim, pois as metodologias aplicadas tradicionalmente, onde o aluno cópia, ouve e não participa pode entediá-los e leva-los a desistência escolar.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Para dois dos docentes entrevistados não há influência dos professores na desistência dos alunos, mas apontam questões da metodologia, como metodologia antiga (educação bancária) e, postura do professor, o que em nossa leitura faz parte da metodologia. Três docentes apontaram que de certa maneira há influência direta do professor na desistência dos alunos, o que ocorre, também, pela postura que desagrada alguns alunos. Mas, os fatores que mais influenciam na desistência são a motivação e a postura dos pais e problemas pessoais dos próprios alunos.

Para solucionar este problema temos que ter como diretriz, o que aponta Arroyo (2006).

Penso que a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. (...) O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos. (ARROYO 2006, p.22 apud GRIFFANTE; BERTOTTI; SILVA, 2013, p. 5).

Arroyo nos alerta que a base para um planejamento educacional, principalmente da EJA é o perfil dos alunos.

Quadro 11B – Expectativa dos alunos sobre a escola segundo os professores

9ª Em sua opinião, o que esses alunos esperam da escola e da EJA?	
01	Em sua grande maioria, até pela condição social, acreditam na mudança de vida por meio da educação.
02	Temos alunos que pensam em cursar faculdade e ter um futuro melhor e claro tem aqueles que não têm perspectiva de vida, você conversa e vê que tanto faz para ele, estudar ou não.
03	Como são alunos que a grande maioria já enfrenta diversos problemas em sua vida, acredito que eles esperam da escola acolhimento, se sentir importantes, valorizados, etc.
04	A maioria desses alunos quer que a escola oportunize a eles a aprender a ler e escrever para não passarem constrangimento de assinar o seu nome e pedir para alguém ler algo para eles. Outros querem seguir na esperança de fazer concurso público trabalhar em empregos com ganho melhor.
05	Os alunos que ingressam na escola especialmente na EJA buscam adquirir conhecimento e esperam ter mais oportunidades nos setores profissionais de trabalho.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Nas respostas dos docentes a expectativa dos alunos sobre a escola envolve vários aspectos, mudança de vida através de um emprego melhor, chegar à faculdade, aprender a ler e escrever, acolhimento da escola, que podemos entender como inclusão. Tem ainda aqueles alunos que não apresentam perspectiva nenhuma.

As várias expectativas dos alunos em relação à educação, mostra a importância da escola. Há nesse aspecto interesse pelo desenvolvimento pessoal e de certa forma da sociedade. A educação é importante para inserir socialmente esses sujeitos na vida política da comunidade. Para tanto os docentes precisam usar metodologias que leve os alunos entenderem o conteúdo ensinado de forma crítica.

Quadro 12B – Atividades promovidas pela escola

10ª A escola promove alguma atividade que contribua para que o aluno da EJA se sinta motivado a continuar estudando?	
01	A escola promove vários eventos, mas acredito que a maior motivação está relacionada ao questionamento anterior, sobre a oportunidade e as possibilidades que a educação pode promover.
02	Sim, tem projetos que são desenvolvidos na escola e eles participam o problema que muitos ou a maioria é no final do ano quando muitos já desistiram. Projetos, eventos deveriam ser distribuídos no ano todo.
03	A escola sim, mas o sistema não contribui, ou seja, falta mais apoio por parte do governo.
04	Pelas dificuldades que enfrentamos de espaço, são poucas as atividades extraclasses promovidas, mas temos um projeto esportivo na escola que vem sendo executado desde 2018, intitulado “Campeonato interno esportivo da escola Ruth Helena” este projeto abrange futsal, handebol, cabo de guerra, corrida de atletismo [...]. O referido projeto é executado durante o ano letivo e nos finais de semana em espaços das outras escolas e do município.
05	Na nossa escola procuramos usar métodos lógicos e atividades que envolvem os alunos da EJA, tornando-os participantes e aprender para vida, não apenas para passar de ano, mas incentiva-los a uma carreira de sucesso profissional e social.

Fonte: pesquisa executada em 2019 pelo autor.

Nesta última pergunta para os docentes, tentamos saber se as escolas oferecem atividades extraclasse para motivar os alunos da EJA. Nossos entrevistados afirmaram existir atividades extraclasse nas escolas, mas fizeram ressalvas acerca de espaços adequados nas escolas para a execução destas atividades, falta de apoio do governo municipal, a questão dos dias que são executados, geralmente, é no final de semana e muitos não comparecem, assim quando acontece só no fim de anos e muitos já desistiram de estudar. Mas um dos entrevistados aponta que o maior motivador e as possíveis oportunidades que poderão ter com o estudo, fato este que concordo, mas toda e qualquer atividade que possa acrescentar na educação deles é válido e contribui para o amadurecimento educacional dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos possibilitou conhecer a EJA nas escolas pesquisadas, suas dificuldades e mazelas sociais que prejudicam a trajetória educacional dos alunos e as dificuldades enfrentadas pelos professores em um país que nunca deu prioridade para educação. Os objetivos foram alcançados e nos permitiu mostrar um quadro real de como a EJA tem se materializado em Breves, e que desafios se impõem aos alunos, professores, gestores e sociedade em geral.

A pesquisa revelou que a maioria dos alunos da EJA no município de Breves é de classe social baixa. Quanto à faixa-etária um percentual tem acima de 40 anos e um percentual de jovens entre 16 e 21 anos. A maioria dos alunos é desempregada (75%) ou trabalhadores informais, talvez este resultado, deriva da baixa oferta de empregos no município. Dentre os motivos que levaram nossos alunos a desistirem de estudar no passado e em algumas situações no presente, está à violência social (12,5%), desmotivação com (12,5%), este motivo também tem impactado nos alunos com histórico de repetência, e gravidez (12,5%), que se apresentou com um índice baixo entre as mulheres, sendo também o ciúme do cônjuge outro fator que influencia na desistência das mulheres.

Quando abordamos a questão da condição de permanência dos alunos na escola, o primeiro fator, que observamos e que está em concordância entre docentes e alunos é a questão da luminosidade das salas, que prejudicam principalmente os alunos de mais idade, quando precisam escrever do quadro. Isso mostra que as escolas não se preparam para receber estes alunos e utilizam a mesma estrutura do ensino fundamental, inclusive o currículo e até a metodologia. Concordamos com Arroyo (2017) que há a necessidade de se olhar para o aluno da EJA de não ver apenas um aluno como uma “mente incorpórea”, mas como sujeitos, que

durante o dia e a vida inteira fizeram esforço, portanto precisando de condições mínimas e específicas para desenvolver suas atividades.

Uma questão que em nosso entendimento influencia na desmotivação do aluno e, por consequência, corrobora a desistência do estudo é a metodologia ou a ausência de uma metodologia definida e própria aos alunos da EJA. Trazer a aula para a análise do dia-a-dia, discutir as contradições da sociedade e a própria opressão sofrida pelos donos do poder, seria a nosso entender e ao entender de Paulo Freire (1996), um motivador e um instrumento de desenvolvimento cognitivo dos alunos e de libertação das amarras da opressão social.

Diante do exposto podemos concluir dizendo que muito precisa ser feito para que a EJA faça a diferença na vida dos alunos em Breves no Marajó. A EJA precisa ser entendida pelo poder público enquanto compromisso social e não um problema como se verifica. Pelo lado da escola e alunos faz-se necessário promover uma educação que leve aos alunos criarem laços afetivos com escola e, principalmente, que enxergue motivos para permanecer estudando. Isso envolve metodologias adequadas aos interesses e necessidades formativas dos/as alunos/as; estrutura física adequada às condições físicas de alunos/as e professores/as. Em síntese, faz-se necessário promover uma Educação Pública, Gratuita e com Qualidade como estabelece a Constituição Federal de 1988.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.; CORSO, A. M. **A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais**. Disponível em: <http://www.educere.bruc.com.br> > arquivo > pdf2015. Acesso em: 20 março de 2019.

ARROYO, MIGUEL. A Educação de Jovens e Adultos em Tempos de Exclusão. In: SHEPARD, D. **Construção coletiva: contribuições à educação de Jovens e adultos**. 2. ed. – Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. Disponível em: <https://aedmoodle.ufpa.br> > Acesso em: 11 maio 2020.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. EJA – Educação de Jovens e Adultos. **Número de matrículas na EJA e porcentagem de matrículas integradas à Educação Profissional**. 2019. Disponível em: <https://www.moderna.com.br> >. Acesso em: 17 março de 2020.

BRASIL. **Matrículas e Infraestrutura – Qedu**. Disponível em: <https://www.qedu.org.br> > 3180-breves > censo-escolar. Acesso em: 02 jul. 2021.

BAIA, M. L.; SILVA, J. P. **Educação de jovens e adultos no marajó: a alfabetização de alunos multi-ciclo no meio rural de Portel-PA**. Disponível em: <http://www.revistas.unama.br> > index.php > Movendo-Ideias > article > view. Acesso em 13 maio. 2020.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. IBGE. **Cidades@Pará**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br> > brasil > belem > pesquisa. Acesso em: 22 abr. 2021.

CAETANO, V. N. S.; SILVA, A. N. DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO NO MARAJÓ: ESTUDO DE CASO NOMUNICÍPIO DE BREVES (MARAJÓ/PARÁ/BRASIL. **Revista GeoAmazônia**, v. 04, n. 07, p. 120 - 137, jan./jun. 2016. Disponível em: http://www.geoamazonia.net/index.php/revista/article/download/106/pdf_73 Acesso em: 17 jan. 2020.

CARDOSO JUNIOR, Waldemar dos Santos. **Alfabetização na educação do campo: relatos de professores de classes multisseriadas da Ilha de Marajó**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.tede2.pucsp.br> > bitstream > handle. Acesso em: 03 out. 2021.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. Ática: São Paulo, 2000.

CRUZ, Ricardo Gauterio; BIGLIARDI, Rossane Vinhas; MINASI, Luis Fernando. A Dialética Materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em educação. **CONJECTURA: Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 40–54, 2014. Disponível em: <https://sou.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2061>. Acesso em: 19 mar. 2019.

CONSULTAS PLUS. **Madenorte S/A Laminados e Compensados**. Disponível em: <https://consultas.plus> > lista-de-empresas > para > breves. Acessado em: 20 out. 2021.

FERREIRA, D. C. Educar Jovens e Adultos é dar a essas pessoas uma nova perspectiva de vida, um novo ponto de partida. **Coleções**. FTD para EJA. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1711-6.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

FERREIRA, E. M. O.; VITORINO, C. C. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa. **Educ. Soc.** 39 (145), Oct-Dec. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018190301>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FÓRUM EJA/PARÁ. **Os tempos idos do curso supletivo...** Disponível em: <http://forumeja.org.br/pa/node/47>. Acesso em: 14 maio. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômica-social capitalista. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir. Educação de adultos como direito humano. **EJA em Debate**, Florianópolis, v 2, n. 2, p. 12-29, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view>. Acesso em: 10 ago. 2020.

GAPTA. **Percepções geográficas**: educação, sociedade e meio ambiente na Amazônia. Belém: GAPTA/UFPA, 2014.

GRIFFANTE, A. I. ; BERTOTTI, L. A. SILVA, L. P. Os desafios da EJA e sua relação com a evasão. SEMINÁRIO "ESCOLA E PESQUISA: UM ENCONTRO POSSÍVEL". 13. 2013. **Anais [...]** Caxias do Sul: 23 e 24 de agosto de 2013. Disponível em: https://upplay.com.br/restrito/nepso2013/uploads/Projetos_EJA/Trabalho/. Acesso em: 10 set. 2021.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Rev. Bras. Educ.[online]**. 2000, n.14, pp.108-130. Disponível em: <https://www.scielo.br> >. Acesso em: 27 set. 2021.

LANE, S. T. M. **Psicologia Social**: O homem em movimento. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEMLE, M. **Fator amazônico** - Centro Colaborador OMS. 2013. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/omsambiental/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=374&sid=13>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LEMME, P. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira**. Rio de Janeiro-RJ, 1904; Rio de Janeiro-RJ, 1997 Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/70Anos/Texto_Paschoal_Lemme.pdf Acessado em: 20 out. 2020.

MIRANDA, L. C.; SOUZA, L. T.; PEREIRA, I. R. D. A trajetória histórica da eja no brasil e suas perspectivas na atualidade. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5., 2016, Montes Claros. EVENTOS DO IFNMG, Montes Claros. **Anais** [...]. 2016. Disponível em: <http://www.ifnmg.edu.br> > arquivos > proppi > sic > resumos. Acesso em 15 de abr. 2020.

MUSSI, R. F. de F., MUSSI, L. M. P. T., ASSUNÇÃO, E. T. C.; NUNES, C. P. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, 7(2), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>.

MUSSI, R. F. de F. Análise e Interpretação de dados de pesquisa quantitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016. 95 p. (Manuais acadêmicos). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br> > article > view. Acesso em: 22 mar. 2020.

PACHECO, AGENOR SARRAF. **Em el corazón de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras**. 2009. 357 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br> > handle > handle. Acesso em: 23 março 2019.

PNAD. **Contínua 2017**: 51% da população com 25 anos ou ... 21 de dez. de 2017 - Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br> > 2013-agencia-de-noticias > releases Acessado em: 14 mai. de 2020.

PINTO, P. M.; et al. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> > pesquisa > Acesso em: 14 set. 2021.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de Adultos como Direito Humano: educação de adultos: cenários, perspectivas e formação de educadores**. Brasília, DF: Liber/Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org> > bitstream > Acesso em: 13 março de 2019.

SANTANA, Daniela Cordeiro. **Eja: breve análise da trajetória histórica e tendências de Formação do educador de jovens e adultos**. Editora Realize. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/28e93eb53881513e51959a43ae232800_1862.pdf. Acesso em: 30 nov. 2019.

SCHWARTZ, SUZANA. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e pratica**. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

SILVA, G.; AMORIM, S. S. Apontamentos sobre a educação no Brasil Colonial (1549-1759). **Interações**, (Campo Grande) 18 (4), Oct-Dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122017000400185 Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA JUNIOR, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa**. 2. Ed. – Curitiba: IESDE Brasil S.S., 2009.

WIKIPÉDIA. Resiliência (psicologia). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org> > wiki > Acesso em: 03 out. 2021.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DOS DOCENTES

PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome:_____ Data de nascimento:_____ Sexo: () M () F
Estado civil:_____ Escola que trabalha: _____
Qual turno:_____ Quanto tempo leciona no EJA: _____

DIRETRIZES PARA PREENCHIMENTO DE QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa científica que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Genison Lobato de Lima, do curso de Licenciatura em Pedagogia, realizado na Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Marajó-Breves. Esclarecemos que as informações fornecidas serão usadas unicamente para fins acadêmicos. A qualquer momento o interlocutor poderá deixar de participar da pesquisa, sem qualquer tipo de prejuízo. Informamos que o questionário é anônimo, assim, a identificação do interlocutor será apenas de domínio do acadêmico. Também, esclarecemos que não existem respostas certas ou erradas. Por isso, solicitamos que responda de forma espontânea as questões. Estas são abertas e de livre respostas. Obrigado/a por sua valiosa colaboração.

1. Quem (perfil) são os alunos da EJA?
2. Quais as dificuldades que esses alunos enfrentam quanto o acesso e a permanência na escola?
3. Você considera a estrutura física da escola adequada para o desenvolvimento das atividades dos alunos da EJA? Por quê?
4. Você acredita que há uma metodologia específica para ensinar os alunos do EJA? Qual?
5. O que esses alunos esperam da escola e da EJA?
6. Como educadores vocês atribuem à alienação, um dos principais motivos para a desistência precoce dos estudos? Por quê?
7. Qual visão de mundo vocês pretendem apresentar para seus alunos? Descreva?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DOS DICENTES

DIRETRIZES PARA PREENCHIMENTO DE QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa científica que resultará no Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Genison Lobato de Lima, do curso de Licenciatura em Pedagogia, realizado na Faculdade de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Marajó-Breves. Esclarecemos que as informações fornecidas serão usadas unicamente para fins acadêmicos. A qualquer momento o interlocutor poderá deixar de participar da pesquisa, sem qualquer tipo de prejuízo. Informamos que o questionário é anônimo, assim, a identificação do interlocutor será apenas de domínio do acadêmico. Também, esclarecemos que não existem respostas certas ou erradas. Por isso, solicitamos que responda de forma espontânea as questões. Estas são abertas e de livre respostas. Obrigado/a por sua valiosa colaboração.

PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome: _____ Data de nascimento: _____
 Sexo: () M () F Estado civil: _____ Tem filhos: _____ Quantos? _____
 Naturalidade: _____

CONDIÇÕES DE MORADIA:

Bairro: () Centro () Periferia
 () Alugada () Própria () Cedida () Agregada () outra : _____ ()
 Alvenaria () Madeira () Mista () Outros _____
 Energia Elétrica: () Sim () Não
 Água encanada? () Sim () Não

SITUAÇÃO OCUPACIONAL:

() Empregado(a) () Desempregado(a) () Autônomo () Aposentado (a) ()
 servidor () outros _____
 Profissão /Ocupação _____ é trabalho Remunerado? () sim
 () não Faixa de renda?
 () um salário mínimo : () 500 à 1000 reais ; () 1500 à 2000 reais ; () sem
 renda fixa Quantas pessoas moram na residência? _____ todas

trabalham? () sim () não Quantas não trabalham? _____

Total da renda familiar? _____

1. Quando era mais novo, você chegou a estudar e por quanto tempo?
2. Em que ano você parou de estudar?
3. Por que você parou de estudar?
4. Quando você voltou a estudar e por que voltou?
5. Caso trabalhe, como você faz para trabalhar e estudar?
6. Sua família, amigos lhe incentivam a estudar ou dizem que está perdendo tempo?
7. Caso seja empregado, o patrão lhe incentiva estudar? Por quê?
8. Você se sente excluído por não ter estudo? Justifique.
9. Você sente dificuldade em permanecer estudando? Por quê?
10. Você deseja alcançar algo por meio dos estudos? O que, por exemplo?
11. Você gosta de estudar?
12. O que você não gosta nas aulas e escola?
13. O que precisa mudar na escola?
14. O que é a escola para você?